



CASAL RESPONSÁVEL PELA COMUNICAÇÃO

LENA E JORGE FONTAINHAS

Como tem vindo a ser divulgado, o assunto central deste ano, sem prejuízo para o estudo do tema, é a celebração dos 60 anos da CARTA, promulgada no dia 8 de Dezembro de 1947, na Igreja de Saint Augustin, em Paris.

Não vale a pena (ou valerá?) insistir no muito que tem sido dito sobre a importância evidente deste documento. Sem ele nós não éramos o que somos. Seríamos outra coisa. A Carta estabeleceu-nos uma regra, definiu-nos como grupo, propôs-nos objectivos claros. E, se a formos lendo, mete-nos na ordem. Faz-nos um apelo e oferece-nos um caminho, exigente, para atingir a santidade: “as Equipas de Nossa Senhora têm por objectivo essencial ajudar os casais a caminhar para a santidade. Nem mais nem menos” (*Padre Henri Caffarel*).

Não é barata nem mágica.

Ela aí vem, a época do Natal. Essa, sim, é uma época mágica. Mesmo aqueles a quem ela angustia e se fecham na sua angústia, aqueles que declaram que o Natal nada lhes diz e

Aceitámos, de facto, a nossa quota parte do esforço correspondente quando, livremente, decidimos entrar para as Equipas? Ou promovemos a Carta a uma espécie de livro de cabeceira que nos embala o sono e a preguiça, esperando por um dia de chuva ou por uma noite de insónia, já agora, sem nada melhor para fazer do que dar-lhe uma olhadela rápida, ou nem isso?

Se não reflectirmos, não meditarmos um pouco, não é fácil para nenhum de nós ter consciência do papel que representamos como testemunhas de Cristo e o que isso representa em exigência nas nossas vidas. Vale também para nós, que escrevemos estas linhas, e que também não somos assíduos no cumprimento de todos os compromissos que assumimos um dia para com o Movimento. A salvação não acontece sem nós e pede o investimento de toda a nossa vida.

fogem para outras paragens, os que correm na busca desenfreada de sabe-se lá o quê e gostariam de lhe passar ao lado, todos eles e todos nós não podemos ficar imunes à magia do Natal.

Diga-se que a “magia” escorre das luzes, das montras decoradas, das músicas, dos cheiros, dos brinquedos, da azáfama de consumir, que o valor de tudo isso é secundário, uma indigna superficialidade. Não é verdade, não é inteiramente verdade.

A magia, se nós mesmos não somos já superficiais e fúteis, aproveitá-la-emos para nos concentrar no essencial, para desprender o espírito e deixá-lo voar, longe, ao encontro da verdadeira mensagem, tão eloquente, tão interpelante que chega também envolta nessa magia do Natal. Quem nos obriga a escolher mal?

Jesus nasceu. Ele, que é a “Luz do mundo”, nasceu mais apagado do que nós, mais solitário do que nós, mais despojado do que nós, mais pobre do que todas as pobreza da terra juntas. Deus poderoso, nasceu insignificante, despercebido, desprovido de qualquer poder ou prestígio. Não tivessem vindo os anjos anunciá-Lo, cantando, os pastores acorrido, os magos perdido o caminho e ninguém teria dado por isso.

Mesmo assim, a história escreveu-se. O que era importante foi dito e o que valia foi mostrado. Do Presépio “escorre” amor como “escorre” magia do desumbrante folclore do Natal. Não que possamos entender todo

esse amor que nos ultrapassa, amor inexplicável na sua imensidão, no seu significado. Apesar dos nossos ódios, dos nossos sofrimentos, dos nossos pecados, da nossa imensa ingratitude, das nossas vãs promessas, esse amor perdoa, acolhe e continua esperando que nos deixemos amar.

Recém chegados da experiência extraordinária que foi o Encontro Internacional de Lourdes (os que lá foram e nós que os acompanhámos de longe), entramos no Advento ricos, este ano, duma chama viva alimentada de fraternidade, solidariedade e serviço, propícia à prática meditada de mais generosidade e mais humildade. Para podermos escutar o murmúrio de Deus no interior silencioso da nossa alma vazia de nós, teremos, claro, deixado alguns, pelo caminho, o “homem velho” dobrado ao peso de si mesmo. Porque o nós-mesmos só atrapalha.

Assim o Advento será um caminho de Paz, um eco antecipadamente saboreado da festa da promessa, iniciada na gruta de Belém com o nascimento dum Menino pobre que veio para nos salvar.

Deixemos que a magia do Natal nos envolva, nos adopte e nos conduza. Ela não nos pode possuir. Nós pertencemos a Cristo.



Henri Caffarel

Biografia resumida



Nasce em Lyon (França), a 30 de Julho de 1903. Inicia os seus estudos numa escola religiosa, faz o Ensino Médio com os Maristas e ingressa na Faculdade de Direito, da qual se afasta por problemas de saúde. Frequenta a Maison des Etudiants Catholiques (MEC) e aos vinte anos, decide “entrar na intimidade com Cristo e trazer outros para ela”. Após o serviço militar, vê-se dividido por sen-

timentos conflituosos porque, apaixonado pela “oração interior”, pensa em tornar-se monge cisterciense.

A paixão pela mística acompanha-lo-á durante toda a vida. Orientado pelo padre Ghika, cursa teologia em Paris, onde é ordenado sacerdote, em Abril de 1930, pelo cardeal Verdier. De 1931 a 1934, exerce o seu dinamismo apostólico na JOC – Juventude Operária Católica, organizando retiros. Em 1934, assume o sector de comunicação no Secretariado da Acção Católica, onde funda o boletim “Choisir” (escolher), para guiar os cristãos no mundo do audiovisual.

Em 1938, quatro jovens casais, cristãos convictos, pedem-lhe que os guie. “Façamos o caminho juntos”, responde-lhes. A primeira reunião acontece em Fevereiro de 1939, é o começo das **Equipas de Nossa Senhora**

A revista “L’Anneau d’Or” (O Anel de Ouro) que fundou em 1945 difunde pelo mundo a experiência espiritual dos grupos de casais, cuja multiplicação exige uma “Regra” e surge a **Carta** das Equipas de Nossa Senhora em 1947.

Fundou o Movimento Esperança e Vida, movimento espiritual de viúvas, bem como Os Intercessores que

oram pelos lares cristãos, seus empenhos, suas provas, suas alegrias... A fim que eles sejam testemunhas do Cristo, unidos por ele e em ele. A Fraternidade Nossa Senhora da Ressurreição, movimento de viúvas consagradas fundado em Lourdes em 1943, foi acompanhada pelo Padre Caffarel durante vários. Também esteve na origem, com a ajuda do Padre Pierre Joly e do Padre d'Heilly, dos Centros de Preparação para o Matrimónio.

Em 1973, o Padre Caffarel retira-se do Movimento das Equipas de Nossa

Senhora e recolhe-se em Troussures, a 80 quilómetros de Paris, onde funda uma escola de oração “como o meio ideal para despertar e desenvolver o *oração novo*”.

Escreve muito, mais de 15 obras e lá permanece até à morte, em 18 de Setembro de 1996. É a despedida deste homem “sedento de Deus”, que, além de articular uma nova espiritualidade conjugal, conseguia permanecer horas em oração interior, sem se mover, recolhido no mais profundo de si.

Artigo publicado no Jornal da Madeira - Edição Online

HENRI CAFFAREL HOMEM DE ORAÇÃO

Na passagem do 10.º aniversário da morte do Padre Caffarel, o Movimento Equipas de Nossa Senhora (ENS) na diocese do Funchal promove amanhã, 18 de Setembro, uma celebração eucarística na Igreja do Colégio, às 20 horas, presidida por D. Teodoro de Faria.

Definir uma pessoa com uma simples frase ou epíteto é sempre um risco, pois, corre-se o perigo de limitar e amputar a sua imagem.

Celebra-se amanhã o 10.º Aniversário da morte do Padre Henri Caffarel. Nascido em Lyon, a 30 de Julho de 1903, de uma família de comerciantes, veio a falecer a 18 de Setembro de 1996, em Troussures, perto de Beauvais. Na pedra do seu túmulo quis que ficassem apenas três datas: a do seu Baptismo, a da sua ordenação sacerdotal e a da sua morte. Quem entrar, em profundidade, na vida deste mestre espiritual do século XX, compreenderá melhor esta escolha.

Descrever o Padre Caffarel como “homem de oração” pode fazer desaparecer a curiosidade sobre a sua vida. Com efeito, hoje, para muita gente, a cotação da oração está quase a zero. E, entretanto, toda a vida deste homem e o Movimento que ele fundou, assentam na realidade da oração: uma oração que deve levar ao “essencial, que é o encontro pessoal com Cristo”.

Ordenado sacerdote a 19 de Abril de 1930, dedicou os seus primeiros compromissos sacerdotais na Acção Católica, mas em breve se desliga destes encargos, e se orienta para o chamamento que desde o início sentia no seu coração: trabalhar na formação espiritual dos cristãos.

Nesta tentativa de “iniciar todos os cristãos à oração para os conduzir ao encontro pessoal com Cristo”, aceita o desafio que um grupo de quatro casais, cujos membros ele orientara ainda quando solteiros, lhe propõem para que os continuasse a acompanhar agora como casal. A resposta foi simples mas profunda e comprometedora: “Procuraremos juntos qual é o caminho para a santidade em casal”. E com a primeira reunião em 1939, nasce o que depois viria a ser conhecido como “Movimento das Equipas de Nossa Senhora “ (ENS).

E é, principalmente, por ter fundado o Movimento das ENS que o Padre Caffarel é mais conhecido. Alimentadas pela revista “*L’Anneau d’Or*” (O Anel de Ouro) que o Padre Caffarel criou em 1945, e a partir de 1947 pela Carta - documento de estruturação indispensável e de orientação que o fundador lhe propõe, o Movimento das ENS difundir-se-á por todo o mundo dinamizando, neste momento, milhares de casais. E é aqui que reside a originalidade da espiritualidade do Padre Caffarel: ela assenta principalmente na santidade matrimonial, na santificação do casal. E é nesta insistência da “busca de Deus em casal” que o Cardeal Lustiger, de Paris, o apelida de “Profeta”.

Quando em 1973 o Padre Caffarel, já com 70 anos, entrega a direcção das ENS em mãos mais jovens, vira-se de novo, na totalidade, para a paixão da sua vida: buscar e ajudar os cristãos, sobretudo os casais, a encontrar-se com Deus. Refugia-se em Troussures, onde funda uma autêntica “Escola de Oração”, alimentada pelos “*Cahiers sur l’oraison*” (Cadernos sobre a oração) e por outras várias obras. E aí termina a sua vida terrena, na humildade, este homem que sempre buscou, para ele e para os outros, o objectivo de São Paulo, a quem ele muito admirava: “uma identificação com Cristo até poder afirmar: já não sou eu que vivo, que amo, que sofro, que rezo, mas é Cristo quem vive em mim, ama, sofre e reza”.

PADRE LUCIANO (ASSISTENTE DAS ENS/MADEIRA)

PRÓXIMOS VISITAS/ENCONTROS DO SR

- **Março 2007 - Reunião de Zona.**
- **Novembro 2006.**
- **Abril 2007.**
- **Mai 2007.**

Padre Caffarel

Abertura oficial da Causa de Canonização

Foi em clima de grande júbilo que, em 18 de Setembro de 2006, dia em que passavam 10 anos sobre a sua morte e em que o Movimento se encontrava reunido em Lourdes no seu 10.º Encontro Internacional, foi oficialmente anunciada aberta a causa de canonização do Padre Caffarel.

Não temos dúvidas de que o Padre Caffarel foi um profeta, um olhar mais além, que construiu novos caminhos, entre outros, em algo que nos é muito próprio, a espiritualidade conjugal. Nós, casais, ser-lhe-

-emos eternamente gratos pelo olhar de amor que nos lançou desafiando-nos a ir mais além ao dizer que o matrimónio é um caminho de santidade que responde à vocação do nosso amor conjugal.

O processo agora iniciado será longo e com muitas etapas que serão ultrapassadas com o empenho de todos e principalmente com a ajuda do Senhor. Para tal foi constituída a Associação “Os Amigos do Padre Caffarel” a que todos nós devemos pertencer e fazer avançar com entusiasmo.

ASSOCIAÇÃO “OS AMIGOS DO PADRE CAFFAREL”

Membros

- Fundadores (END Internacional)
- Honorários (designados pelo CA):

Jean et Annick Allemand;

Pierre et Marie-Claire Harmel;

Père Geoffroy-Marie Prieuré Notre Dame de Cana (ex Troussures);

Mgr Jean-Marie Lustiger;

Mme Odile Macchi, presidente da Fraternidade Notre-Dame de la Résurrection;

Mme Marie-Claire Moissenet, présidente du mouvement Espérance et vie;

Mme Nancy Moncau (falecida em 15 Agosto 2006);

Mr René Rémond;

Mgr Guy Thomazeau;

Mlle Marie-Danielle Waguet;

Gérard de Roberty;

Philippe Deney.

- Benfeitores
- Activos

Conselho de Administração (CA):

- Colégio (ERI + 12 Supra-Regiões).
Membros eleitos pelo CA

Executivo actual:

- Presidente Gérard de Roberty;
- Vice-Presidente Maria-Carla Volpini;
- Secretário François Génillon;
- Tesoureiro Philippe.Deney-Delacroix.

Encarregues da Causa de Canonização:

- Postulador Père Paul-Dominique Marcovits;
- Vice-Postulador Marie-Christine Génillon.

Missão especial junto do Executivo:

- Monseigneur François Fleischmann.

Abertura Oficial da Causa de Canonização

- 15 Outubro 2005: Nihil obstat da Congregação para a Causa dos Santos.
- 28 Outubro 2005: Autorização do Arcebispo de Paris para se proceder à recolha de testemunhos.
- Dezembro 2005: Pedido de abertura oficial da Causa na Diocese de Paris.
- 25 Abril 2006: «Decreto de abertura do inquérito canónico» pelo Arcebispo de Paris.
- 27 Abril 2006: «Decreto instituindo uma comissão de inquérito» pelo Arcebispo de Paris.
 - Presidente: Monsenhor Maurice Frécharde;
 - Promotor de Justiça: M l'abbé Henri Moreau;
 - Notário: Madame Brigitte Jézéquel.
- 18 Setembro 2006: «Anúncio oficial da abertura da Causa de Canonização».

e-mail: association-amis@henri-caffarel.org

site «Les Amis du Père Caffarel»: <http://www.henri-caffarel.org>

Não podemos deixar de incentivar todos a tornarem-se membros da Associação, para tal podem fazê-lo através do Secretariado enviando a vossa inscrição com o respectivo cheque.

Membro associado – 10 euros.

Casal associado – 15 euros.

Membro benfeitor – igual ou superior a 25 euros.

Oração pela beatificação do servo de Deus Henri Caffarel



Deus, nosso Pai,
Tu colocaste no fundo do coração do teu servo Henri Caffarel
um impulso de amor que o atraiu sem reservas para o teu Filho
e inspirou a falar d'Ele.

Profeta do nosso tempo,
ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um
segundo a palavra que Jesus dirige a todos: "Vem e segue-me".

Ele entusiasmou os esposos para a grandeza do Sacramento do Matrimónio
que significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre Cristo e a Igreja.
Mostrou que Padres e casais
são chamados a viver a vocação do amor.
Guiou as viúvas: o amor é mais forte do que a morte.
Impelido pelo Espírito,
conduziu muitos crentes no caminho da oração.
Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por ti, Senhor.

Deus, nosso Pai,
pela intercessão de Nossa Senhora,
nós Te pedimos que apresses o dia
em que a Igreja proclamará a santidade da sua vida,
para que todos descubram a alegria de seguir o teu Filho,
cada um segundo a sua vocação no Espírito.

Deus, nosso Pai, nós invocamos o Padre Caffarel para ... *(Indicar a graça a pedir)*

*Oração aprovada pelo Monsenhor André VINGT-TROIS – Arcebispo de Paris.
"Nihil obstat": 4 de Janeiro de 2006 – "Imprimatur": 5 de Janeiro de 2006*

No caso de obtenção de graças pela intercessão do Padre Caffarel, contactar com:

*Le Postulateur
Association "Les Amis du Père Caffarel"
Rue de la Glacière, 49 – F-75013 PARIS - França*



CONSELHEIRO ESPIRITUAL DA SUPRA-REGIÃO

PADRE ANTÓNIO JANELA

*Um
Bom Ano!*

Mas já a desejar um “bom ano”?... Provavelmente, da leitura destas linhas até ao início de 2007 ainda vai uma certa distância. Poderá, por isso, ser causa de estranheza um voto tão antecipado, quase ao jeito daqueles cartões que certas entidades nos começam a enviar logo no início de Novembro ou daquelas decorações festivas – por vezes tão vazias de qualquer simbolismo natalício – com que as autarquias agora enfeitam, desde logo, as suas ruas e praças. Acontece, porém, não ser o caso de estar já a querer formular votos para o novo ano de 2007. Este ano novo a que me refiro é antes o “Ano Litúrgico” que começa com as 1.^{as} Vésperas do 1.^o Domingo do Advento.

O tempo litúrgico do Advento é duplamente marcado pela esperança, primeiro porque prepara as festas do Natal, actualizando a vinda histórica do Senhor até nós, e depois porque esta evocação conduz à expectativa da Sua vinda gloriosa no fim dos tempos. Esta última perspectiva iluminada pela voz dos profetas maiores, predomina na primeira parte do Advento, precisamente a perspectiva das semanas derradeiras do Tempo

Comum, pelo que há perfeita continuidade entre o que é costume considerar o início e o fim do Ano Litúrgico. A figura de S. João Baptista, charneira entre o Antigo e o Novo Testamento, domina as semanas centrais, com o convite à conversão necessária ao encontro com o Senhor. A parte final do Tempo do Advento é polarizada pela proximidade do Natal, nela emergindo a figura da Virgem Maria. Sobretudo a partir do dia 17 de Dezembro, a Igreja, qual Maria nos meses de expectação do Menino, exprime a ânsia de ver Jesus, nas belas antífonas que emolduram o canto vespertino do Magnificat, todas elas começando pela interjeição vocativa «Ó». A designação popular de Nossa Senhora do Ó ou da Expectação é um dos muitos exemplos da repercussão profunda que a Liturgia pode ter na alma do povo cristão.

Dissemos que esta vinda é singular, pois é “a” vinda do Senhor. Todavia, não há somente a última vinda no final dos tempos: em certo sentido o Senhor deseja vir hoje e sempre. E bate à porta do coração de cada um como que a perguntar: “estás disposto a conceder-me a tua carne, o teu tempo, a tua vida?” Ele procura

também uma morada viva na nossa existência pessoal. Esta é a voz do Senhor que quer entrar neste nosso tempo. E quer entrar através de nós, da vida conjugal, familiar, eclesial, cívica, profissional... Eis a “vinda do Senhor”, hoje! Daí, a questão: será que queremos, uma vez mais, aprender isto neste tempo do Advento? O Senhor poder vir também através de nós ao mundo em que vivemos...

Recordo aqui palavras de Bento XVI: *“Deus chama-nos à santidade, à comunhão consigo que se realizará plenamente com a vinda de Cristo. Ele mesmo se compromete a fazer com que cheguemos preparados a este encontro final e decisivo. O futuro, por assim dizer, está contido no presente, ou melhor, na presença de Deus, do seu amor indefectível, que não nos deixa sozinhos, não nos abandona nem sequer por um momento, como um pai e uma mãe nunca deixam de seguir os próprios filhos na sua caminhada de crescimento. Diante de Cristo que vem, sentimo-nos interpelados com todo o nosso ser, que São Paulo resume, na Carta aos Tessalonicenses, nos termos “espírito, alma e corpo”, indicando assim a inteira pessoa humana, como unidade articulada de dimensão somática, psíquica e espiritual. A santificação a que somos chamados é dom de Deus e da sua iniciativa, mas o ser hu-*

mano é desafiado a corresponder com todo o seu ser, sem que nada dele seja excluído”.

É precisamente o Espírito Santo, que no ventre da Virgem formou Jesus, Homem perfeito, quem realiza na pessoa humana o admirável projecto de Deus, transformando antes de mais o coração e, a partir deste centro, todo o resto. Assim, em cada pessoa, em cada um de nós, se resume a inteira obra da criação e da redenção que Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, está a realizar desde o início até ao fim do cosmos e da história. E como na história da humanidade a primeira vinda de Cristo está no centro e a sua vinda gloriosa no final, cada existência pessoal é chamada a comparar-se com Ele de modo misterioso e multiforme durante a peregrinação terrena, para se encontrar n’Ele no momento do Seu retorno.

Maria Santíssima, Virgem fiel que acolhe no seu seio bendito o Verbo de Deus, nos ajude, em Igreja, nas nossas equipas, a fazer deste tempo do Advento e de todo o Ano Litúrgico um caminho de autêntica santificação, para louvor e glória de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. É este o sentido do voto inicial: “um bom ano!”.

PRÓXIMAS CARTAS

- Março 2007.
- Junho 2007.
- Novembro 2007.

Notícias das equipas da Zona Euráfrica



CASAL DE LIGAÇÃO
À ZONA EURÁFRICA

MARU E PAÇO NEMÉSIO

1. Que equipas constituem a Zona Euráfrica?

As equipas das Supra-Regiões de Espanha (900 equipas), de Itália (700 equipas), de Portugal (900 equipas), da África de língua francesa (210 equipas) e a Região da Síria, directamente ligada à ERI (50 equipas). Somos um total de 2 760 equipas de base, cujas línguas são o espanhol, o italiano, o português, o francês e o árabe.

Em 2001 foram criadas quatro Zonas. Os primeiros responsáveis da nossa Zona foram Alberto e Constanza Alvarado, casal colombiano membro da ERI de 1999 a 2005. Em Julho de 2005, após alguns anos como responsáveis supra-regionais de Espanha, aceitámos entrar na ERI e substituí-los como responsáveis da Zona até 2011.

2. As Zonas facilitam o conhecimento e a ajuda mútua.

Pertencer ao Movimento Internacional das ENS exige que cada Supra-Região e Região:

- * viva aberta às outras Supra-Regiões e Regiões;
- * esteja sempre disposta a dar e a receber;
- * rejeite a tentação de viver centrada em si mesma e de se interessar apenas pelo que lhe acontece.

As Supra-Regiões e as Regiões fazem parte de um todo, não estamos isoladas. Mas, se não criarmos canais de comunicação, nunca chegaremos a conhecer-nos; e, se não nos conhecermos, não poderemos amar-nos, não poderemos ser solidários nem entreajudar-nos. O conhecimento leva à amizade e esta, à solidariedade, que se concretiza na ajuda mútua, espiritual e material.

Consegue-se o conhecimento mútuo:

- * participando activamente nos encontros gerais,
- * praticando a hospitalidade (acolher e ser acolhido),
- * através da comunicação escrita (correio electrónico e correio postal) e por telefone,
- * lendo as publicações,
- * procurando informações.

As Zonas facilitam esse conhecimento mútuo e a ajuda espiritual e material.

3. De 2002 a 2006, período em que fomos Responsáveis SR de Espanha, descobrimos esta dimensão internacional do Movimento.

Para isso foi decisivo o Encontro Internacional de Responsáveis Regionais e Supra-Regionais com a ERI em Roma em Janeiro de 2003, bem como

a reunião de Zona de 4 dias em Valência, Espanha, em Julho de 2003, e as reuniões de Zona de um dia realizadas a seguir às reuniões da ERI com o Colégio dos Responsáveis Supra-Regionais em Melbourne (2002), no Rio de Janeiro (2004) e na Ilha Maurícia (2005).

Depois destas reuniões em que participámos, levámos, com entusiasmo, às nossas respectivas Supra-Regiões e Regiões tudo o que lá vivemos, para que todos, a pouco e pouco, sejamos capazes de nos envolver na solidariedade internacional do nosso Movimento e nas ajudas económicas para projectos concretos. Porque a solidariedade internacional não é algo que diga respeito unicamente aos responsáveis supra-regionais e regionais, mas toca a todos os membros do nosso Movimento, e há que começar a criá-la em cada equipa de base.

4. Frutos concretos da solidariedade internacional na nossa Zona

- As ajudas económicas das equipas de base das Supra-Regiões de Itália e de Espanha aos projectos de formação dos casais responsáveis das Regiões de Angola e de Moçambique, incluídas na Supra-Região de Portugal, e da Supra-Região da África de língua francesa.
- As ajudas económicas das equipas de base das Supra-Regiões de Itália, de Portugal e de Espanha para que alguns casais e conselheiros espirituais das Regiões de Angola, de Moçambique e da África de língua francesa possam participar no Encontro Internacional de Lourdes.

- Em Janeiro de 2006, Gérard e Marie Christine de Roberty, casal responsável da ERI, deslocaram-se à Síria para conhecerem no terreno as equipas da Região da Síria e animar uma sessão de formação para os equipistas.

- Nas Cartas das nossas Supra-Regiões, há Secções dedicadas ao “Correio da ERI” e às notícias de outras Supra-Regiões; a página web internacional das ENS é cada vez mais conhecida e visitada:

<http://www.equipes-norte-dame.com/>

5. A dimensão internacional do Movimento é cada vez mais uma realidade da nossa Zona

Isto também se vê na participação no Encontro Internacional de Lourdes: 1.100 da Supra-Região de Espanha, 900 da Supra-Região de Portugal, 750 da Supra-Região de Itália, 180 da Supra-Região da África de língua francesa e 50 da Região da Síria.

No Encontro em Lourdes vimos representada a internacionalidade do Movimento, com a sua variedade de culturas, de raças e de línguas, mas sem esquecer a unidade que vem da nossa fé em Deus.

6. Durante os próximos cinco anos, como responsáveis da Zona, iremos aonde os responsáveis das Supra-Regiões da Zona e da Região da Síria nos chamarem, para criar laços entre elas, com a ERI e com as outras Zonas, a fim de promover o conhecimento mútuo, a amizade, a união e a solidariedade entre as equipas dos países da Zona e de formar com os responsáveis das Supra-Regiões e da Região da Síria uma comunidade cristã de casais ao serviço de todas as equipas de base da Zona.

ADVENTO

1 Novembro 2006

Queridos amigos,

O Advento aproxima-se, é tempo de dizer: **Vem, Senhor Jesus!**

Que o Senhor nos encontre preparados, atentos e dispostos a acolhê-Lo e a aprender com Ele.

Canta e caminha! É uma expressão de Santo Agostinho que nos pode acompanhar neste Advento.

Não é mais um advento, é o Advento do ano de 2006 que chega, deste ano que vivemos e que temos de viver em toda a sua plenitude, em toda a sua força e actualidade.

Cantando porque é com alegre expectativa e esperança que aguardamos o nosso Deus Menino que mais uma vez vem e que nos projecta para a plenitude do amanhã, comprometendo-nos na construção do Reino de Deus hoje e aqui.

Caminhando porque o nosso desafio é ir e ir mais além com decisão e com a perseverança daqueles que assumiram ao longo do ano o propósito de mudança de vida, mudança de atitudes, que somente acontece através do Espírito Santo, que nos prepara para o encontro com o Menino que vem no Natal trazendo a Vida em abundância para todos.

E este Advento de 2006 não pode ser mais um advento perdido, que passa por nós e não nos acorda. Tem de ser



ANA E VASCO VARELA

um Advento plenamente vivido, não apenas um tempo de espera, mas de missão e de compromisso.

E então perguntamo-nos: Que Advento vamos construir? Que compromissos vamos assumir? Que prioridades vamos estabelecer?

Como membros das Equipas de Nossa Senhora que rezam e escutam a Palavra em casal e em equipa devemos interrogar-nos e discernir como devemos pôr a render os dons que Deus nos deu e como podemos participar activamente na construção do Seu Reino.

Neste tempo de Advento, de espera activa, de preparação, também o Movimento se deve questionar: como se traduz hoje para o Movimento este

Canta e caminha? Que caminhos o Espírito nos pede hoje para percorrer? Ou seja, como podemos ser no nosso mundo **Reflexos do amor de Cristo?**

E então voltamos ao nosso querido **Padre Caffarel** e ao seu “**Discurso de Chantilly**” proferido em 1987 e que vos enviámos no passado mês de Setembro. Esperamos que o tenham recebido e lido. Se o fizeram, estamos certos que o apreciaram e que concordam que vale a pena **reflectir sobre o seu conteúdo**, conforme desafio então lançado e agora reforçado porque em tempo de Advento, de preparação, nada melhor que uma reflexão sobre o nosso futuro, um futuro que desejamos ser de **Canta e caminha**.

Mais urgente ainda se torna esta reflexão se olharmos atentamente para as conclusões da Carta de Envio de Lourdes que bebe nas palavras de João Paulo II ao Movimento o convite a retomar a **herança do Padre Caffarel**.

Quando vos enviámos este documento dissemos que seria o suporte para uma reflexão, integrada nas celebrações dos 60 anos da Carta, que gostaríamos que todo o Movimento fizesse até ao **Encontro Nacional** de 2007 (17-18 Nov). Falávamos também na dinâmica a criar a nível de Sector e Região, bem como no **Encontro Nacional de Responsáveis** de 2007 (24-25 Fev), etapas importantes desta reflexão. E fazíamos uma promessa: *Tentaremos de forma muito concreta e em grande comunhão, contribuir para discernir que caminhos trilhar na resposta urgente às questões levantadas na 3.ª parte do discurso.*

Pois bem, vamos então a isso, vamos fazer-vos uma proposta concreta.

Sobre o conteúdo, queremos perguntar:

1.a) Quais os elementos do carisma fundador que o Padre Caffarel identifica no discurso de Chantilly como não tendo sido bem vistos ou que não podiam à época ser vistos? (*enumerarlas de forma sintética*).

b) Destes elementos quais os 3 que consideram mais importantes nos tempos de hoje e sobre os quais o Movimento deve dar resposta? Que sugestões concretas dão para essa resposta? (*enumerarlas de forma sintética e à frente colocar a sugestão*).

2.a) Que novas dificuldades defrontam hoje, quanto a vós, os casais jovens? Como podemos ajuda-los? (*enumerarlas de forma sintética e à frente colocar a sugestão*).

b) Qual a maior dificuldade que, quanto a vós, os casais jovens sentem perante a proposta do Movimento? Como podemos ajudar a supera-la? (*enumerarlas de forma sintética e à frente colocar a sugestão*).

3.a) O Padre Caffarel levanta a questão de casais que já estão há vários anos no movimento e que sentem a necessidade de “ir mais longe”. É o vosso caso, gostariam de ir mais longe no aprofundamento da vossa espiritualidade conjugal? Como vos pode o Movimento ajudar? Que sugestões muito concretas podem fazer? (*enumerar as sugestões de forma sintética*).

b) Acham que o Movimento deveria ter uma proposta diferente para equi-

pas que já têm alguns anos de Caminhada? Qual? Que sugestões concretas apresentam?

4. Tal como o Padre Caffarel refere, é importante estarmos permanentemente atentos aos sinais dos tempos. Assim sendo, que outros aspectos não focados no discurso de Chantilly identificam e sobre os quais consideram que o Movimento deveria procurar dar resposta. Que sugestões de resposta podemos dar? (enumera-los de forma sintética e à frente colocar a sugestão).

Sobre o método: será uma reflexão muito alargada envolvendo todos os equipistas que queiram participar e também aqueles que estão ao serviço do Movimento tendo assumido uma responsabilidade, para fazermos uma leitura dos sinais dos tempos na dupla perspectiva: equipistas e responsáveis.

Para facilitar a análise das respostas juntamos um **pequeno formulário para ser preenchido**.

Os equipistas farão a reflexão em casal e em equipa se todos estiverem de acordo em dedicar uma reunião de equipa para o efeito. As vossas conclusões serão enviadas ao Sector através do vosso Casal de Ligação que as entregará ao Casal Regional.

Também cada equipa de sector se deverá reunir para reflectir sobre as pistas que propomos. Caberá a cada

Província organizar-se para recolher e analisar as conclusões de cada equipa, de cada equipa de sector, bem como a efectuada pelos responsáveis regionais. Cada Casal Provincial fará a respectiva apresentação em Novembro de 2007 e o Casal Supra-Regional concluirá apresentando uma proposta de etapas seguintes.

Evidentemente que não se trata de empreender uma reflexão para introduzir profundas alterações no Movimento em Portugal. Tal não faria sentido num Movimento internacional. Mas também não será apenas mais um inquérito de opinião. Trata-se sim de auscultar o sentir profundo do Movimento em Portugal para podermos contribuir com as nossas conclusões para a reflexão da ERI sobre o nosso futuro enquanto **Comunidades de Casais Cristãos** que pretendem ser **Reflexos do Amor de Cristo**. Num mundo onde a mudança é cada vez mais rápida, somos forçados a uma constante reflexão para mantermos a actualidade e continuarmos a ser um desafio motivante para nós próprios e para os casais que virão.

E por fim, uma recomendação: ler novamente o “Discurso de Chantilly” e deixar que através dele o Padre Caffarel nos fale directamente e com toda a actualidade como falou a todo o Movimento,

Um bom Advento e um abraço amigo.

Tó e Zé Moura Soares na ERI

A Tó e o Zé Moura Soares estão na ERI como casal responsável pelas Equipes Satélite (ES)!

E a Supra-Região Portugal alegra-se com eles e sente-se muito honrada e bem representada.

Esta responsabilidade é muito importante já que toda a reflexão do Movimento passará por eles, exigindo-lhes muita escuta de toda a multiplicidade de sensibilidades e culturas que hoje constituem o nosso Movimento para que na diversidade se construa a unidade.

Também lhes é pedido um novo olhar, mais distanciado mas mais profundo e abrangente que realce o que verdadeiramente é importante e urgente focar.

Sabendo que o Senhor os acompanhará neste novo desafio, a Supra-Região Portugal reza para que o Espírito Santo os acompanhe e ilumine e coloque-se ao seu dispor para o que considerarem necessário.

Ana e Vasco

Queridos amigos



A Ana e o Vasco pediram-nos, depois de vivermos estes dias em intensa alegria e partilha de vida, no Encontro Internacional de Lourdes, que escrevêssemos umas palavras para a Carta, que não são mais do que um testemunho do amor às ENS.

Muitos conhecem-nos bem, outros menos bem e muitos também não sabem quem somos.

Não importa, somos um casal das ENS que encontrou neste Movimento o fio condutor da sua vida, que nos acompanha há quarenta anos na nossa caminhada conjugal, impelindo-nos a viver outras experiências na Igreja e até na sociedade.

Nas ENS exercemos vários tipos de serviço, sendo cada um deles fonte de grandes alegrias e riquezas. Recebemos sempre muito mais do que demos...

Hoje, depois de deixarmos há cerca de ano e meio o serviço na Supra-Região de Portugal, iniciámos uma nova aventura e, como sempre na nossa vida, será mais uma Aventura de Amor.

Assumimos em Lourdes, debaixo do olhar da nossa Mãe, pertencer à Equipa Responsável Internacional - ERI e dentro desta equipa iremos fazer a ligação e coordenação das Equipas Satélites, que são equipas de serviço que ajudam a reflexão e o discernimento da ERI.

Agradecemos ao Senhor o chamado que nos fez nesta altura da nossa vida, dando-nos assim mais uma vez a oportunidade de comunhão e crescimento e também a possibilidade de vos abraçar mais uma vez, porque não teria sentido o nosso serviço sem todos vós.

Olhando com alegria para este novo capítulo da história da nossa vida e, se nos pedissem para lhe pôr um título, ele seria de certo – ESPERANÇA.

Queremos olhar para o futuro com uma certeza tranquila, a certeza de quem ama e sabemos que isto só é e será possível porque dependemos da bondade do Senhor e da Aliança que com Ele fizemos.

Esta força, a força da Esperança, vem-nos de Deus, desta vida nova que Ele todos os dias nos renova e pela qual participamos na Sua própria vida, dando-lhe o nosso Sim incondicional.

Como nada depende de nós, queremos viver esta etapa da nossa vida mais do que nunca unidos a Cristo, comungando das vossas preocupa-

ções e abertos aos sinais dos tempos, para que a semente que temos em nós dê vida e vida em abundância.

Aguardamos o futuro destes seis anos com paciência e confiança, pedindo-Lhe que não nos dê pressas nem angústias, mas a luz suficiente para ver que as coisas não se resolvem por si próprias.

A Esperança levar-nos-à à acção, pois é ela que nos faz levantar todos os dias renovados e cheios de força, quando ontem tudo nos parecia desfeito e impossível de recomeçar.

Afinal, nunca esquecemos que foi uma Esperança muito forte que nos levou um dia a assumir plenamente o sacramento do matrimónio, a cultivá-lo e a desenvolver a sua fecundidade.

È Ela pois que continua a ser para nós sinal de salvação e nos leva a assumir a nossa missão no Movimento e na Igreja, confiando totalmente no Pai do Céu, que é o nosso e jamais nos deixará sós.

Quem não sente atracção por espalhar a Boa Nova, o Evangelho.

E ao falar do Evangelho, caímos de novo no homem, no casal, na família e na missão a que todos somos chamados. Missão que nos obriga a partir, a não ter medo, a ir para a frente, a dizer SIM aos apelos do Senhor.

Tó e Zé



As *Orientações de Vida* para 2006-2012

CASAL RESPONSÁVEL SUPRA-REGIONAL

ANA E VASCO VARELA

“EQUIPAS DE NOSSA SENHORA COMUNIDADES DE CASAIS, REFLEXOS DO AMOR DE CRISTO”

«Como Eu vos amei, amai-vos também uns aos outros» (Jo 13, 34)

1. Equipa, comunidade de Igreja

«Como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, que eles estejam em Nós» (Jo 17, 21)

2. Equipas de Nossa Senhora ao serviço

«Aquele que permanece em Mim e Eu nele produz muito fruto» (Jo 15, 5)

3. Equipas de Nossa Senhora acolhedoras para os casais de hoje

«Quem recebe aquele que Eu enviar, a Mim recebe, e quem Me recebe, recebe Aquele que Me enviou» (Jo 13, 20)

Queridos amigos,

Depois do Encontro de Lourdes 2006, há três documentos essenciais cuja leitura recomendamos. Dois pela emoção que contêm e um, a Carta de Envio do Encontro, por veicular as **Orientações de Vida** para os próximos seis anos. Encontram-se todos nesta Carta e no Suplemento sobre Lourdes.

Os dois primeiros são as palavras dos anteriores e actuais casais responsáveis da ERI. A acção de graças da Marie Christine e Gérard de Roberty, que passaram o testemunho da responsabilidade à Maria Carla e Carlo Volpini.

Temos tido a sorte de os conhecer de perto a ambos, nas últimas três reuniões do Colégio Internacional em

que participámos (2004, 2005 e 2006), bem como em Roma em 2003 e em Fátima em 2005 onde os encontramos durante a celebração dos 50 anos. Podemos dizer-vos que uma parte importante da nossa própria formação enquanto responsáveis pelo Movimento em Portugal vem deles em linha directa, pelo testemunho de fé e de amor que transportam e que tão bem souberam reflectir nos seus escritos.

A Carta de Envio do Encontro de Lourdes com as **Orientações de Vida**, esse documento sempre tão esperado porque ilumina o caminho colectivo para os próximos anos, é também um documento a não perder. Chegou-se a este documento partindo de uma reflexão sobre o discurso do saudoso João Paulo II, em Roma em 2003 e através do discernimento dos responsáveis regionais do mundo inteiro e da reflexão efectuada pela ERI e pelos Colégios de 2004 e 2005.

A todos os equipistas sugerimos vivamente a sua leitura atenta e sobretudo a sua vivência activa, em casal.

Finalmente, deixem-nos partilhar convosco que é com profunda emoção que constatamos que as Linhas de Acção que propusemos ao Movimento em 2005 para orientar a actividade dos responsáveis quando iniciámos o nosso período de serviço: Assumir a **Exigência**, Apoiar os **Jovens, Comunicar** com Alegria, **Testemunhar** a Felicidade, estão perfeitamente actualizadas e em sintonia com as Orientações de Vida propostas agora pelo Movimento aos Equipistas. Para confirmar esta afirmação basta uma leitura atenta da Carta de Envio de Lourdes 2006.

O Espírito de Deus manifesta-se de facto de muitos modos.

ENCONTROS NACIONAIS (2006-2007)

- **Sessão de Formação II: Casa das Dominicanas, Fátima (30 Novembro a 3 Dezembro 2006)**
- **Encontro Nacional de Responsáveis: Fátima (24 e 25 Fevereiro 2007)**
- **Encontro Nacional: Fátima (17 e 18 Novembro 2007)**

CARTA DE LOURDES DA EQUIPA RESPONSÁVEL AOS EQUIPISTAS DO MUNDO INTEIRO

Queridos Equipistas,

No momento em que termina o 10.º Encontro Internacional que vivemos em Lourdes com fervor, na alegria e na fé, em união com os nossos equipistas para junto dos quais voltamos, confiamo-vos pessoalmente uma mensagem que o Movimento das Equipas de Nossa Senhora vos pede que leveis aos quatro cantos do mundo.

As Equipas de Nossa Senhora oferecem aos nossos casais a possibilidade de viverem a espiritualidade conjugal que decorre do sacramento do matrimónio e nos ajuda a percorrer o caminho da santidade.

Orientações de Vida foram-nos confiadas para desenvolver esta espiritualidade que nos abre a todas as realidades da nossa vida de casal segundo o Espírito, em Cristo e na procura constante da vontade de Deus.

As Orientações de Vida, fruto do discernimento dos casais regionais do mundo inteiro, são um dom que o Senhor oferece a cada Equipa, a cada Sector, a cada Região, ao Movimento... para que cada um dos seus membros aprofunde a sua vocação cristã numa atitude evangélica que encarna em cada casal unido no sacramento do matrimónio e também na experiência dos padres consagrados pelo sacramento da ordem, em cada conselheiro espiritual.

As Orientações de Vida são um apelo a abriremos o nosso coração e a nossa existência quotidiana a uma dimensão espiritual que tem a sua origem no coração de Deus e que nós fazemos actuar no amor ao próximo e ainda que faz das nossas

“EQUIPAS DE NOSSA SENHORA COMUNIDADES DE CASAIS, REFLEXOS DO AMOR DE CRISTO”

A orientação geral inspira-se nesta palavra do Evangelho:

«Como Eu vos amei, amai-vos também uns aos outros» (Jo 13, 34).

Esta Orientação geral apoia-se em três ideias:

1. Equipe, comunidade de Igreja

«Como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, que eles estejam em Nós» (Jo 17, 21)

· **Em equipa para iluminar e fortalecer a nossa experiência cristã graças a essa comunidade de Fé, de Esperança e de Amor.**

Os equipistas têm o desejo de redescobrir a equipa, enquanto comunidade de leigos na Igreja, como um lugar de iniciação e de “refontalização” orientado para o apelo à santidade que é dirigido aos casais.

O amor fraterno dos equipistas, de que a entreaajuda é expressão, alarga-se à dimensão da Igreja universal através dos seus compromissos eclesiais. Alarga-se também à dimensão da sociedade através dos seus compromissos sociais e políticos.

A unidade dos casais, na Fé, na Esperança e no Amor, enraíza numa forte vida espiritual conjugal e pessoal, alimentada no seu “agir cristão” pelas orientações do Movimento.

· **Em equipa para viver a fidelidade aos carismas das Equipas de Nossa Senhora.**

Não há vida de equipa, como comunidade de Fé, de Esperança e de Amor, sem fidelidade a um compromisso que a prática de uma espiritualidade conjugal viva e radiosa contribui para fazer crescer.

O Movimento considera que a Equipa é a comunidade essencial em que se vive a espiritualidade do casal.

Os métodos que as Equipas de Nossa Senhora nos propõem conduzem à procura do “SER” mais do que do “FAZER”. Desta forma, levam-nos a dar um verdadeiro sentido evangélico à nossa vida de casal.

Para cada equipista, a plena adesão à Carta das Equipas de Nossa Senhora supõe a aceitação da exigência dos pontos concretos de esforço e o esforço para os pôr em prática. São pontos de referência, apoios que obrigam a ir mais longe no caminho da santidade na vida dos casais.

As nossas equipas não são meros lugares de amizade: são antes verdadeiras comunidades de homens e mulheres de fé, unidos pelo sacramento do matrimónio e reunidos por Cristo. Elas privilegiam a qualidade e o conteúdo da par-

tilha espiritual. Esta partilha ajuda-nos a viver de maneira autêntica a vida comunitária: o acolhimento do amor do Pai, a comunhão em Cristo e a missão para a qual o Espírito Santo nos envia.

A refeição fraterna, o tempo do pôr em comum, a oração partilhada e meditada, o tempo de formação a partir de um tema espiritual, tudo isto contribui com peso igual para “bem viver” o tempo forte mensal da reunião de equipa em que acolhemos Jesus Cristo como nosso irmão.

A oração diária do Magnificat aumenta a comunhão entre todos os equipistas do mundo.

2. Equipas de Nossa Senhora ao serviço

«Aquele que permanece em Mim e Eu nele produz muito fruto» (Jo 15, 5)

· Os equipistas ao serviço dos seus irmãos no Movimento

Viver as Equipas de Nossa Senhora como um “serviço dos casais aos casais”.

Pôr-se ao serviço do Movimento é uma necessidade real: isto faz de nós servidores do casal, da família, do Evangelho, do matrimónio e da vida.

A caridade não tem limites: motiva os nossos compromissos no Movimento das Equipas de Nossa Senhora, que são serviços de Igreja. Assim, passamos a ser instrumentos do Espírito Santo e experimentamos, em nós e no nosso casal, a presença activa do Senhor. Ele conhece as fraquezas e os limites daqueles que aceitam segui-l’O, mas dá a cada um a capacidade de realizar a sua missão.

Conviria recordar as palavras do Padre Caffarel: “As Equipas respondem às necessidades do nosso tempo para o casal e para o matrimónio, e, para isso, precisamos de casais que se amem, que criem a imagem da família e da sociedade e que se comprometam ao serviço do Movimento”.

· Os equipistas ao serviço dos seus irmãos na Igreja hoje

As Orientações de Vida dadas em Santiago de Compostela no ano 2000 - “**Ser casal hoje na Igreja e no mundo**” - convida-nos a participar na obra da evangelização através do nosso compromisso na Igreja, nos seus movimentos, nas nossas paróquias, nas nossas dioceses, etc.

Devemos procurar juntos métodos novos para que as equipas e os equipistas se comprometam ainda mais na Igreja. As propostas e as instruções do documento sobre **“A missão do casal”** devem ser estudadas neste sentido por cada um e em equipa (A missão do casal nas Equipas de Nossa Senhora – ERI, Julho de 2005).

Tenhamos uma atenção especial às nossas relações com os conselheiros espirituais. Rezemos para que nas nossas famílias nasçam vocações sacerdotais e religiosas. E que o nosso Movimento continue a ser um viveiro para o Diaconado permanente.

Dizia o Padre Caffarel: «É preciso inventar dia a dia o Movimento das Equipas de Nossa Senhora».

3. Equipas de Nossa Senhora acolhedoras para os casais de hoje

«Quem recebe aquele que Eu enviar, a Mim recebe, e quem Me recebe, recebe Aquele que Me enviou» (Jo 13, 20)

• Testemunhas no nosso tempo de uma fidelidade alicerçada no Evangelho

Seria vantajoso que as Equipas de Nossa Senhora deste início do século XXI escutassem as palavras que o Padre Caffarel proferiu em Chantilly em 1987: «As Equipas de Nossa Senhora não tiveram suficientemente em conta o facto de que a espiritualidade evolui consoante a idade dos casais e consoante a situação em que os mesmos se encontram».

A pedagogia das Equipas de Nossa Senhora deve exprimir-se numa linguagem actual que tenha em conta os sinais dos tempos. Compete-nos a nós inculturá-la sem a tornar insípida, simplificá-la, adaptá-la à idade e à duração dos casais, permitindo aprofundá-la sem que ela perca a sua essência. Trata-se de um caminho de felicidade tanto humana como espiritual.

• Testemunhas do Evangelho do matrimónio anunciado a todos

Devemos tomar todas as iniciativas necessárias para ajudar os equipistas e o Movimento a porem-se à escuta das necessidades do nosso tempo, a aprenderem a comunicar e a dialogar acerca da espiritualidade conjugal e familiar.

De ouvidos e olhos bem abertos a tudo o que se passa no mundo, atentas àquilo a que algumas pessoas chamam “a profecia do mundo”, receptivas ao que vem de Deus a fim de receber e de valorizar o que é bom, assim são as Equipas de Nossa Senhora. Elas prosseguem e intensificam as suas investigações sobre todos os aspectos do matrimónio, em particular sobre o seu carácter sacramental.

Acolhamos a realidade de vida de irmãos e irmãs viúvos e viúvas.

Procuremos também a forma de nos fazermos próximos daqueles que se vêm confrontados com a crise, com o fracasso do casal; abramos o coração e tomemos iniciativas para que nasçam e se desenvolvam grupos ou movimentos específicos que respondam às novas situações desses casais.

Apoieemos os casais que uma crise ainda não separou totalmente e que podem comprometer-se num caminho de “reencontro”.

· Testemunhas encarregadas de difundir a espiritualidade conjugal e de apresentar o sacramento do matrimónio às novas gerações

É nossa preocupação constante uma atenção particular aos jovens: a nossa atenção aos que se encontram afastados da Igreja, aos que se reaproximam, aos que não conhecem Cristo e o Evangelho, àqueles para quem o matrimónio não tem um significado claro e essencial, tudo isso mostra que estamos ao serviço da Boa Nova do amor entre o homem e a mulher e encarregados de a levar ao mundo.

São muitos os aspectos em que podemos favorecer a descoberta do mistério do amor humano no seu alcance espiritual: o perdão, a caridade, a escuta, o dom recíproco, a gratuidade, o compromisso, etc.

Afirmemos que o matrimónio é um caminho de felicidade onde o amor é incessantemente renovado, que o diálogo conjugal e a partilha em equipa ajudam a conhecer-se melhor, a abrir-se ao outro e a recebê-lo com um dom, acolhendo assim o imprevisto de Deus.

A aliança entre o homem e a mulher, reflexo do amor de Cristo pela sua Igreja, é o cerne da espiritualidade e da vocação conjugal. Essa aliança confirma o próprio amor dos esposos e o seu compromisso incondicional no matrimónio sacramental.

As Equipas de Nossa Senhora querem levar à descoberta de que o casal é amado por Deus, de que é dom de Deus e de que se dá a Deus.

Em conclusão

Escutamos e pomos em prática a mensagem do Papa João Paulo II de 20 de Janeiro de 2003 quando ele:

- Nos convida a retomar a herança do Padre Caffarel relativa à grandeza e à beleza da vocação para o matrimónio, ao apelo à santidade, ligado à vida conjugal e familiar, à espiritualidade própria dos casais;
- Nos compromete a viver pontos concretos de esforço com atenção e perseverança, em particular a oração pessoal, conjugal ou familiar, e a participação regular na Eucaristia;
- Nos reafirma a sua proximidade espiritual em relação às pessoas separadas, divorciadas e divorciadas recasadas que, em virtude do seu baptismo, são chamadas, no respeito pelas regras da Igreja, a participar na vida cristã;
- Nos pede que desenvolvamos plenamente a graça do nosso baptismo nas missões que nos são próprias, que participemos de forma cada vez mais activa na vida da Igreja junto dos jovens, nomeadamente nos períodos de noivado e dos primeiros anos de casamento;
- Nos encoraja a dar sem cessar testemunho da grandeza e da beleza do amor humano.

Na Paz de Cristo e sob a protecção de Maria!

A Equipa Responsável Internacional

Gérard e Marie-Christine de ROBERTY; Monsenhor François FLEISCHMANN; Carlo e Maria Carla VOLPINI; John e Elaine COGAVIN; Carlos Eduardo e Maria Regina HEISS; Francisco e Maruja NEMESIO; Jean-Louis e Priscilla SIMONIS.

Lourdes, 18 de Setembro de 2006.



Discurso do Papa JOÃO PAULO II aos Responsáveis Regionais das “Equipas de Nossa Senhora”

Segunda-feira, 20 de Janeiro de 2003

Queridos amigos

1. Sinto-me feliz por vos receber, a vós que sois os Responsáveis regionais das Equipas de Nossa Senhora, com o vosso Conselheiro espiritual internacional, Padre Fleischmann, e outros sacerdotes, por ocasião do vosso encontro mundial em Roma. Agradeço a Suas Excelências, o Senhor e Senhora de Roberty, responsáveis internacionais do movimento, as suas cordiais palavras.

2. Como não recordar, antes de mais, a figura do Abade Henri Caffarel, vosso fundador, que acompanhou numerosos casais e iniciou-os nas escolas de oração? Por ocasião do centenário do seu nascimento, sinto-me feliz por me unir à vossa acção de graças. O Abade Caffarel mostrou a grandeza e a bondade da vocação para o matrimónio, e, antecipando as orientações fecundas do Concílio Vaticano II, valorizou a chamada à santidade relacionado com a vida conjugal e familiar (cf. *Lumen Gentium*, 11); soube desenvolver os grandes eixos de uma espiritualidade específica, que brota do Baptismo, realçando a dignidade do amor humano no projecto de Deus. A atenção que ele dedicava às pessoas comprometidas no sacramento do matrimónio levava-o também a pôr os seus dons ao serviço do “movimento espiritual das viúvas de guerra”, que hoje se chama “Esperança e Vida”, e a dar início à criação dos primeiros Centros de Preparação para o Matrimónio, actualmente muito difundidos. Em seguida, surgiram também as Equipas de Nossa Senhora dos Jovens, que evidenciam o cuidado dedicado à apresentação de um caminho de fé à juventude.

3. Face às ameaças que pesam sobre a família e aos factores que a enfraquecem, o tema dos trabalhos “Casais chamados por Cristo à nova Aliança”, é particularmente oportuno. De facto, para os cristãos, o matrimónio, que foi

elevado à dignidade de Sacramento, é por sua natureza sinal da Aliança e da comunhão entre Deus e o homem, entre Cristo e a Igreja. Por conseguinte, durante toda a vida, os esposos cristãos recebem a missão de manifestar, de modo visível, a aliança indefectível de Deus com o mundo. A fé cristã apresenta o matrimônio como uma Boa Nova: relação recíproca e total, única e indissolúvel, entre um homem e uma mulher, chamados a dar a vida. O Espírito do Senhor dá aos esposos um coração novo e torna-os capazes de se amarem, como Cristo nos amou, e de servirem a vida no prolongamento do mistério cristão dado que, na sua união “é o mistério pascal de morte e ressurreição que se realiza” (Paulo VI, Alocução às Equipas de Nossa Senhora, 4 de Março de 1970, n.º 16).

4. Mistério de aliança e de comunhão, o compromisso dos esposos convida os a tirar a força da Eucaristia, “fonte do matrimônio cristão” (*Familiaris consortio*, 57) e modelo para o seu amor. De facto, as diversas fases da liturgia eucarística convidam os cônjuges a viver a sua vida conjugal e familiar a exemplo da vida de Cristo, que se doa aos homens por amor. Eles encontrarão neste sacramento a ousadia necessária para o acolhimento, o perdão, o diálogo e a comunhão dos corações. Será também uma ajuda preciosa para enfrentar as inevitáveis dificuldades de qualquer vida familiar. Oxalá os membros das Equipas sejam as primeiras testemunhas da graça que contribui com uma participação regular na vida sacramental e na Missa do domingo, “celebração da presença viva do Ressuscitado entre os seus” (Carta apostólica *Dies Domini*, 31 de Maio de 1998, n.º 31; cf. também n.º 81) e “antídoto para vencer e superar obstáculos e tensões” (Discurso aos membros da XV Assembleia plenária do Pontifício Conselho para a Família, 18 de Outubro de 2002, n.º 2)!

5. Alimentados pelo Pão de Vida e chamados a tornar-nos luz para “os que procuram a verdade” (*Lumen Gentium*, 35), em particular para os seus filhos, então os esposos poderão manifestar plenamente a graça do seu Baptismo nas suas missões específicas no seio da Família, na sociedade e na Igreja. Foi esta a intuição do Abade Caffarel, que não queria que se entrasse “numa Equipa para se isolar..., mas para aprender a doar-se a todos” (Carta mensal, Fevereiro de 1984, pág. 9). Ao alegrar-me com os compromissos já assumidos, exorto todos os membros das Equipas a participar cada vez mais activamente na vida eclesial, sobretudo entre os jovens, que esperam a mensagem cristã sobre o amor humano, ao mesmo tempo exigente e exaltante.

Nesta perspectiva, os membros das Equipas podem ajudá-los a viver a fase da juventude e do namoro na fidelidade aos mandamentos de Cristo e da Igreja, permitindo-lhes encontrar a verdadeira felicidade no amadurecimento da sua vida afectiva.

6. O vosso movimento dispõe de uma pedagogia própria, baseada sobre “pontos concretos de esforço”, que vos ajudam a crescer juntos na santidade.

Encorajo-vos a vivê-los com atenção e perseverança, para vos amardes de-
veras. Convido-vos sobretudo a desenvolver a oração pessoal, conjugal e fa-
miliar, sem a qual um cristão corre o risco de esmorecer, como dizia o Abade
Caffarel (cf. *L'Anneau d'Or*, Março-Abril de 1953, pág. 136). Longe de distrair
do compromisso no mundo, uma oração autêntica santifica os membros do
casal e da família, abre o coração ao amor de Deus e dos irmãos. Torna capa-
zes também de construir a história segundo o desígnio de Deus" (cf. *Congre-
gação para a Doutrina da Fé*, Carta sobre alguns aspectos da meditação cristã
Orationis formas, 15 de Outubro de 1989).

7. Queridos amigos, agradeço a Deus os frutos dados pelo vosso movimento a
todo o mundo, encorajando-vos a testemunhar incessantemente de maneira
explícita a grandeza e a bondade do amor humano, do matrimónio e da fa-
mília.

No final desta audiência, a minha oração quer ser também pelas famílias que
vivem em dificuldade. Oxalá elas encontrem ao longo do seu caminho teste-
munhas da ternura e da misericórdia de Deus! Desejo recordar a minha pro-
ximidade espiritual às pessoas separadas, divorciadas ou divorciadas que
voltaram a casar, que, como baptizadas, são chamadas, no respeito das re-
gras da Igreja, a participar na vida cristã (cf. *Exortação apostólica Familiaris
Consortio*, 84). Por fim, exprimo a minha gratidão aos conselheiros espirituais
que vos acompanham com disponibilidade. Eles põem à disposição do vosso
movimento laical a sua competência e experiência. Através desta colabora-
ção, sacerdotes e famílias aprendem a compreender-se, estimar-se e apoiar-
se. Oxalá vós, que conheceis a graça de uma presença sacerdotal, possais re-
zar pelas vocações e transmitir sem receio aos vossos filhos a chamada do
Senhor!

Confio-vos a vós, assim como todas as Equipas e as suas famílias, à interces-
são de Nossa Senhora do Magnificat, invocada todos os dias pelos seus mem-
bros, e os Beatos esposos Luís e Maria Quattrocchi, e concedo a todos uma
afectuosa bênção apostólica.





LAILA
E FERNANDO

CASAL PROVINCIAL DE ÁFRICA



ENS

Falando da Província África

A RELPE, Região das Equipas de Língua Portuguesa no Estrangeiro, foi criada em 1987 para dar apoio às equipas da Comunidade Portuguesa que se criaram fora do País e que se espalhavam por diversos países de África, Europa e América do Norte.

Não esperariam por certo os responsáveis iniciais da RELPE que mais tarde ela viesse a transformar-se numa Província do Movimento. Isso aconteceu devido ao brilhante trabalho desenvolvido por todos os casais responsáveis que passaram pela RELPE o qual teve como consequência o surgimento gradual de um número elevado de equipas.

Hoje as equipas americanas da extinta RELPE ficaram agregadas à Supra-Região da América do Norte. De certa forma o mesmo terá acontecido com as equipas da Europa que se foram enquadrando nas respectivas regiões locais. Mas em África, apesar do regresso a Portugal de muitos casais, existem actualmente 122 equipas: Região de Angola, com 68 equipas e 29 conselheiros espirituais; Região de Moçambique, com 47 equipas; e o sector de Johannesburg, com 7 equipas e 4 conselheiros espirituais.

Temos muita esperança que estes números cresçam fruto do exemplo vivo das actuais equipas em funcionamento e também das sementes lançadas nas acções de formação que se têm vindo a realizar, seja a nível local ou mesmo em Portugal, com a deslocação dos respectivos casais e conselheiros espirituais. Deparamos no entanto com a dificuldade de arranjar conselheiros espirituais para o efeito.

Naturalmente que a criação e consolidação de estruturas de apoio local, a divulgação e expansão das ENS pelas diversas Dioceses onde o Movimento é acolhido ou aguardado com muita expectativa, representam um esforço financeiro considerável que, para além da SR Portuguesa, tem tido o apoio da ERI e da SR Espanhola.

Em Angola, estão a ser lançadas novas equipas em M'banza Congo no Zaire (norte), no Uige, no Bié (centro), em Ondjiva no Cunene (Sul) e em Luau no Moxico (leste) distando de Luanda cerca de 1200 kms. Em Moçambique igualmente acabaram de nascer mais equipas, concretamente nos bairros de Congolote e Ferroviário no Maputo.

Tanto na Região de Angola como na de Moçambique, as ENS têm sido convidadas a participar nos vários Conselhos Pastorais Paroquiais e nas Comissões Nacionais da Família. No entanto é grande a distância física que nos separa, como grande é também extensão dos territórios Africanos. Tal facto dificulta bastante as ligações, mas a vontade de estarmos em contacto, seguindo e apoiando o seu desenvolvimento, unidos no carisma do Movimento, é bem mais forte.



BAETRIZ E ANTÓNIO LAICE

CASAL RESPONSÁVEL
DA REGIÃO MOÇAMBIQUE

Região de Moçambique



Síntese da Reunião

Maputo, 31 de Março de 2006

Realizou-se no dia 30 de Março de 2006, a Primeira Reunião extraordinária da Região de Moçambique, dirigida pelo respectivo Casal Responsável e contou com os seguintes participantes:

- Padre Hilário;
- Casal Henriques;
- Casal Liquidão;
- Casal Congolo;
- Casal Pilião;
- Casal Samajo.

OBJECTIVOS

1. Informar sobre a necessidade de responder o pedido da Supra-Região, em Lisboa, que por ocasião da

São rostos de Alegria, são corações de Esperança, são almas repletas de Fé, com um enorme sentido de missão, que vemos partir para as suas terras após cada Encontro das ENS em que participam em Portugal. Ao mesmo tempo deixam-nos o perfume da sua simplicidade, da sua autenticidade, da sua gratuidade, de um carinho especial pelo Amor a Deus. Que bom sentirmos, em comunhão com eles, que todos 'damos de graça o que de graça recebemos' e disso damos graças a Deus.

organização do Congresso de Lurdes precisam que Moçambique envie o seu Estandarte;

2. Informar que a Supra-Região pretende realizar uma visita à Moçambique em 2007, por um período de 15 dias, com um grupo constituído por 1 Sacerdote, 2 casais e 1 Jovem. Para o efeito, há necessidade de Moçambique informar sobre o itinerário da viagem e programa da Visita;

3. Informar que está em Maputo uma Senhora que é amiga de Equipistas que trouxe uma ecomenda e no seu regresso poderá levar encomendas para a Supra-Região, caso tenhamos algo para mandar;

4. Informar que a Supra-Região vai-se reunir no próximo sábado. Para o efeito, solicitam que a região de Moçambique envie a informação sobre as actividades que estão sendo realizadas;

5. Informar sobre a preparação dos casais que vão à Formação II em Portugal, no próximo mês de Abril;

6. Cartas para publicação;

7. Preparação da viagem a Inhambane.

- Em relação ao envio do Estandarte da Região de Moçambique à Supra-Região, concluiu-se que podíamos mandar o Emblema que figura no carimbo da Região e uma Imagem de Nossa Senhora de Conceição a parte. Assim, ficou encarregue o Casal Laice e o Samajo para trabalharem no sentido de proceder o envio deste material à Supra-Região ainda no dia 31 de Março de 2006.
- Sobre a preparação da visita da Supra-Região à Moçambique em 2007, foi informado que o objectivo desta visita consiste em animar as equipas existentes e procurar levar o movimento aos lugares onde ainda não foi implantado.

Depois de várias sugestões avançadas pelos participantes, foi acordado que a visita será efectuada de 6 a 20 de Agosto de 2007. O grupo será subdividido em duas partes, sendo um subgrupo constituído por 1 casal e o jovem acompanhados por Padre Hilário, efectuarão o trabalho na zona sul (Províncias de Maputo, Gaza e Inhambane) e outro sub-

-grupo constituído por um sacerdote e 1 casal efectuarão o trabalho nas zonas Norte e Centro (Províncias de Niassa-cidade de Lichinga, Nampula e Quelimane). Ambos grupos serão acompanhados por casais das Equipas da Região.

Para a elaboração da proposta do programa da visita, foi encarregue o casal samajo da área do Secretariado da Região.

- Em seguida, foi informado o casal Pililão que vai fazer parte dos membros da Região como casal convidado e colaborador para a área de jovens.
- Em relação a preparação da visita da Supra-Região, foi igualmente recomendado o casal Pililão na qualidade de casal responsável para área de jovens, trabalhar no sentido de preparar uma proposta de programa que permitirá 1 ou 2 jovens tenham a possibilidade de acompanhar a visita.
- Sobre a preparação da viagem dos casais que vão à Formação II em Portugal, foi informado que o grupo será constituído por 1 casal de Xai-Xai, 1 casal e uma Irmã de Lichinga e o Padre Ernesto, Conselheiro Espiritual da Equipa de Monhuana em Maputo. Referiu-se que inicialmente tinha sido indicada a Irmã Lúcia; mas por motivos de agenda esta não poderá viajar e em sua substituição foi indicada a Irmã Juliana também de Lichinga.
- Neste momento a região está a trabalhar no sentido de obter os vistos e criar condições de fazer viajar o

grupo de Lichinga á Maputo. Em princípio o casal de Lichinga devia viajar à Maputo via terrestre; porém esforços empreendidos por Casal Responsável da Região permitiram conseguir um patrocínio das LAM, o que igualmente permitirá que o casal de Lichinga tenha a possibilidade ida e volta, Lichinga/Maputo/Lichinga, via aérea.

- Em relação as cartas para publicação, foi informado que a carta do casal Henriques e a mensagem do casal Laice por ocasião do retiro já foram publicadas.
- Relativamente ao envio da síntese da primeira reunião ordinária da Região à Supra-Região, procedeu-se a leitura da mesma e depois de algumas emendas foi aprovada, tendo sido recomendada que a mesma seja imediatamente enviada por E-mail à Supra Região, no dia 31 de Março corrente.
- Na sequência das recomendações saídas do encontro que o casal Responsável da Região teve com S. Ex.^a Reverendíssima Arcebispo de Maputo sobre a necessidade da Região coordenar as suas actividades com o Chefe da Comissão de Leigo e Família do Arcebispado, já foram recebidos pelo Reverendíssimo Padre Dionísio.

Salientaram que depois de informarem sobre o objectivo do encontro, o Reverendíssimo Padre Dionísio mostrou-se bastante entusiasmado com os propósitos do Movimento e prometeu fazer algo, inclusive manifestou o interesse de divulgar o

Movimento na sua Paróquia e fazer parte como Conselheiro Espiritual das Equipas.

- Para facilitar o controle e actualização dos casais membros da Região sobre as reuniões ordinárias, foi recomendado ao casal Samajo para elaborar uma proposta de calendário das reuniões para 2006, obedecendo o regime anteriormente acordado de 2 em 2 meses.
- Sobre a preparação da viagem a Inhambane foi acordado que a mesma será efectuada no dia 6 de Abril com regresso no dia 08. A viagem terá como objectivo amadurecer a pilotagem das equipas novas nos cadernos 4, 5 e 6. Esta viagem a Inhambane e continuação de uma outra que foi realizada em Janeiro passado com os mesmos propósitos.
- Foi referido que a Região de Moçambique está a introduzir uma experiência nova que consiste em trabalhar com os casais não casados pela Igreja, mas que mostram a vontade de participarem no Movimento. A Região aceitou esta prática por ter achado que a mesma constitui uma oportunidade de Catequese que poderá ajudar os referidos casais a contraírem os seus matrimónios com uma certa maturidade espiritual.
- Por último, o casal Responsável da Região informou que o processo de registo do Movimento das ENS como uma Associação de casais está numa fase bastante avançada.

Região de Angola

LUANDA

24 de Outubro de 2005



CASAL RESPONSÁVEL DA REGIÃO DE ANGOLA

CRISTINA
E JOÃO MAKENENGO

*Maria nossa Mãe, ordenai-nos sempre:
"Fazei o que Ele vos disser."
Sob o olhar de Maria nossa Mãe,
seja por Deus abençoada a nossa Assembleia.*



Plano de actividades para 2006 Normas de Execução Permanente (NPS)

Janeiro a Março

1. Todos os Sectores devem dedicar-se à Organização Estrutural, consolidação e um controle administrativo eficaz das Equipas ligadas ao Sector.

2.:

a) Até 15 de Março: Apresentação do relatório dos trabalhos executados

e a remessa de fichas de inscrição referentes às modificações ocorridas nas Equipas.

b) Remessa de listas nominais de casais propostos para a formação nos escalões de Casais Pilotos, Casais de Ligação e Casais Informadores no nível de Formação I, pelo que haverá dois Centros de Formação: em Luanda e em Benguela.

Tendo em conta que há vários casais em preparação, à espera do seu enquadramento no Movimento nas Províncias de Mbanza-Congo, Huíla, Mochico, Cunene e Uíge e à pressão constante dos Srs. Bispos das respectivas Dioceses, no sentido de se concretizar a constituição das ENS naquelas paragens nos próximos dois anos. Neste sentido a cooperação de um casal da Supra-Região seria bem vinda. Contudo é um caso a considerar e depois propor à Supra-Região.

3. **De Abril em diante**, deverá iniciar-se a admissão de novas Equipas nos moldes oficiais já conhecidos.

4.:

- a) Os Sectores deverão prestar as suas informações trimestralmente à Região.
- b) A Reunião Ordinária dos Sectores terá lugar de quatro em quatro meses, sob a coordenação dos respectivos Casais Responsáveis.
- c) Os Casais de Ligação passarão assistir às Equipas a eles distribuídas de três em três meses.
- d) Os Casais Pilotos deverão pilotar as Equipas a eles confiadas com assiduidade mensal até ao 7.º Cadermo de Pilotagem, ao fim do qual

procederão de conformidade às instruções contidas no Guia de Pilotagem.

5. Todos os Sectores devem promover obrigatoriamente uma Sessão de Formação Geral a todas as Equipas, devendo o caso ser comunicado à Região.

6. Todas as cerimónias de âmbito oficial como sejam, o Compromisso ou Passagem de Testemunho de Responsáveis de Sectores (Tomada de Posse) serão igualmente comunicadas à Região com a devida antecipação.

7. Avaliar, zelar e analisar com atenção especial todos os relatórios dos Casais de Ligação e arquivá-los em Processo Próprio.

8. Por determinação superior e extensiva a todas as Equipas, em todos os Primeiros Sábados do mês será celebrada uma Missa especial para todas as Equipas do Mundo. Esta orientação é de carácter obrigatório. Esta medida não anula a prática da Missa Semanal.

9. A Assembleia de Formação Geral da Região ocorrerá ordinariamente numa periodicidade semestral.

Com os votos de bons êxitos, aceitai o nosso abraço amigo.



GÉRARD E MARIE-CHRISTINE DE ROBERTY

Dai e ser-vos-á dado

Queridos amigos, equipistas do mundo inteiro:

Ao abrirmos esta nova página em branco da nossa vida, depois de todos estes anos passados a servir, só podemos rezar ao Senhor e dar-Lhe graças com esta palavra de Jesus:

«Dai e ser-vos-á dado: uma boa medida, cheia, recalcada, transbordante será lançada no vosso regaço. A medida que usardes com os outros será usada convosco» (Lc 6, 38).

Esta palavra é de uma importância capital nas nossas vidas; permite-nos ultrapassar tudo o que pode ser um entrave ao nosso compromisso no mundo, na Igreja. É o motor da Esperança de todos aqueles que dão um pouco de si próprios e recebem cem vezes mais.

Esta palavra situa-se, no Evangelho de Lucas, logo a seguir à proclamação das Bem-aventuranças. Jesus encontra-Se na planície depois de ter rezado no monte e pela primeira vez dirige-Se aos doze a quem acaba de dar o nome de «Apóstolos».

Jesus começa por nos mostrar a beleza de toda a missão que concorre

para a vinda do Reino de Deus: «Felicizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus» (Lc 6, 20).

Jesus prossegue alertando os apóstolos — a missão que lhes dá implica renúncia e é incondicional: «Digo-vos, porém, a vós que Me escutais: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam» (Lc 6, 27).

Jesus indica-nos, a seguir, como desempenhar o nosso serviço. Mostrá-lo-á ainda mais na noite de Quinta-feira Santa e na Cruz de Sexta-feira da Paixão. Diz-nos: «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso» (Lc 6, 36). Não julgueis, não condeneis, perdoai e dai; não procureis o argueiro na vista do vosso irmão, tirai antes a trave da vossa.

Jesus convida-nos a conduzir-nos na humildade e no reconhecimento de Deus que nos dá tudo. Não podemos negligenciar seja o que for no conhecimento da sua palavra e da da Igreja: «Não está o discípulo acima do mestre, mas o discípulo bem formado será como o mestre» (Lc 6, 40).

Sereis, então, como aquela árvore de frutos abundantes de que Jesus fala

dizendo: «Cada árvore conhece-se pelo seu fruto; não se colhem figos dos espinhos, nem uvas dos abro-lhos» (Lc 6, 44).

Queridos amigos equipistas, certamente, durante estes anos ao serviço das Equipas de Nossa Senhora, não pusemos em prática tudo o que o

Senhor Jesus pede; pelo menos, procurámos tender para... Mas já recebemos o cêntuplo do Senhor e de vós.

Comprometemo-nos, do fundo do coração, a responder a esse apelo de Jesus Cristo que o Padre Caffarel quis inscrever no seu túmulo: **“VEM e SEGUE-ME”**.



Malavi



CASAL DE LIGAÇÃO À ZONA EURÁSIA

JOHN E ELAINE COGAVIN

Laços Internacionais entre diferentes continentes

Em 2005, foi formada a Supra-Região «Transatlântica» para coordenar e desenvolver o Movimento em todas as partes anglófonas da Europa, da África e das Caraíbas. Ao mesmo tempo, Peter e Anna Chandler, Responsáveis pela Comunicação das Equipas da Grã-Bretanha, tinham publicado um artigo em *The Tablet*, ‘Supporting Married Couples’.

Ficaram encantados ao receber uma resposta, por correio electrónico, de Mavuto Mandala, um católico casado do Malavi que, com a mulher Christina, se tinha informado para saber como lançar as Equipas de Nossa Senhora no seu país. Com um novo espírito de abertura, Peter e Anna responderam e, com a sua equipa Fareham 1, assumiram a pi-

lotagem da primeira equipa do Malavi.

No Outono de 2005, o novo Casal Responsável da Supra-Região Transatlântica, Paul e Helena McCloskey, assegurou o fim de semana anual de Formação de Casais Responsáveis irlandeses e falou do desenvolvimento no Malavi. A seguir, deram-se conta de que na assistência se encontravam Dermot e Florian Leavy, de Mullinger. Florian estava a preparar uma visita ao Malavi com a organização caritativa 'Self Help International', em que estava envolvida e propôs estabelecer contacto com a equipa.

O texto abaixo é a história da visita de Florian nas suas próprias palavras:

«A 2 de Novembro de 2005, cheguei ao Malavi com a organização 'Self Help International', sabendo que lá tinha sido fundada uma equipa de Nossa Senhora cerca de 6 meses antes. Eu ia com um grupo de 50 irlandeses para analisar projectos que tinham sido propostos à organização, mas esperava poder contactar com a equipa enquanto estava no Malavi. Esta equipa constituiu-se quando um malaviano chamado Mavuto viu um artigo sobre as Equipas de Nossa Senhora numa revista chamada *The Tablet*. Entrou em contacto com Peter e Anna Chandler em Inglaterra e, graças à sua ajuda, foi fundada a primeira equipa no Malavi.

Antes de ir, contactei com Peter para o informar de que ia visitar o país durante 10 dias e de que gostaria

muito de conhecer os membros da equipa, localizada em Zomba. Felizmente, tinha previsto passar 3 noites nessa cidade, que se situa no sul perto do planalto Zomba. Graças a Peter, consegui contactar com Mavuto, professor de liceu, e informei-o de que estaria na sua cidade e de que gostaria de o conhecer assim como aos outros membros da equipa. No entanto, não consegui marcar um encontro definitivo antes de sair da Irlanda.

Quando cheguei a Zomba, deixei um recado a um professor, colega e amigo de Mavuto, dizendo que, como não podia contactar com ele directamente, ficava no Auberge KuChawe, um hotel situado a 3000 metros de altitude e acima das nuvens! Para meu espanto, nessa noite chegou ao hotel o Padre Callisto, um padre malaviano e conselheiro espiritual da equipa. Meia hora mais tarde, apareceu Mavuto na escuridão. Trocámos saudações afectuosas — quase como amigos perdidos há muito.

Enquanto procurava preparar esta reunião, pensava que ele tivesse um telemóvel e que os meios de transporte lhe facilitassem a tarefa. Mas não. Descobri mais tarde que Mavuto tinha atravessado a cidade a pé, vários quilómetros, para apanhar um camião que o levou ao alto da montanha, ao hotel, para ir ter comigo. Foi só graças à gentileza do seu amigo professor, que lhe tinha dado a minha mensagem, e graças à sua tenacidade para que este encontro pudesse acontecer que nos pudemos realmente encontrar.

O Padre Callisto e Mavuto jantaram comigo nessa noite. Separámo-nos depois de termos combinado um encontro para dois dias mais tarde, mas na noite seguinte, para minha grande alegria, chegaram ao hotel Mavuto e Patrick, outro membro da equipa. Tivemos uma longa conversa ao jantar a respeito da equipa e combinámos um encontro com as outras famílias em Zomba na tarde seguinte.

No dia seguinte, o Padre Callisto, Mavuto e Patrick vieram ter comigo e com Maureen Caffrey, uma amiga do Grupo Self Help, e, a bordo do camião do Padre Callisto, fomos de casa em casa visitar os equipistas. Senti-me privilegiada por ser acolhida tão calorosamente e por ver a sua hospitalidade e a sua generosidade. Cada família fez-nos sentir que entrávamos numa casa diferente das outras. Esta proximidade imediata e maravilhosa era devida à nossa comum pertença às Equipas de Nossa Senhora. Foi uma sensação de intensa emoção e de orgulho por ter podido conhecer o Padre Callisto e as quatro famílias, nas suas próprias casas, e por ter podido dar-lhes umas lembranças irlandesas que tinha levado comigo.

Falámos do funcionamento prático de uma reunião de equipa e do efeito que as Equipas têm nas suas vidas de família e na comunidade. A equipa de Zomba tem que fazer as suas reuniões à tarde porque a partir das 6 horas é noite e é muito perigoso para os equipistas saírem depois dessa hora. Também não podem deixar as

suas casas à noite sem vigilância, pois correm o risco de serem vandalizadas.

Os equipistas encontram, na sua reunião, um grupo seguro e de confiança em que podem discutir o crescimento da sua fé. O seu envolvimento nas Equipas já teve um efeito profundo na sua prática cristã. Durante a minha visita, Mavuto disse-me que o seu salário era de 40 euros por mês. Um saco de 10 kg de milho para alimentar a sua família, composta de 2 adultos e 3 filhos, durante 5 semanas custa 20 euros. Isto deixa à família 20 euros para viver durante um mês. É grande a pobreza no Malavi.

A equipa Zomba 1 está actualmente a procurar lançar uma nova equipa e espera que outras equipas se seguirão. O Padre Callisto, um padre monfortino, tem grande mérito. Assume o cargo de conselheiro espiritual da primeira equipa do Malavi com grande entusiasmo. Vive numa paróquia a 15 km de Zomba, e os equipistas arranjam maneira de a reunião de Natal no mês seguinte ter lugar no seu presbitério. Ele esperava ansiosamente receber as quatro famílias na sua casa por altura das festas.

Desta reunião nasceu um forte laço entre a equipa Zomba 1 e a minha própria equipa Mullingar 4. Todos os membros da equipa irlandesa escrevem regularmente a cada família da equipa de Zomba, e essa correspondência tem permitido ajudar e encorajar as duas equipas, forjando uma sólida ligação entre os dois continentes.

A equipa Zomba 1 pediu que não fosse esquecida no Encontro Internacional das Equipas em Lourdes, que se realizará de 16 a 21 de Setembro de 2006. Pediram também as

nossas orações, em especial neste momento em que o Malavi se confronta com uma grave fome e foi declarada pelo seu Presidente como região sinistrada».

Damos graças a Deus por termos à nossa disposição os meios de comunicação que tornam possível o contacto com os nossos irmãos e irmãs equipistas do nosso Movimento em todo o mundo. Rezamos para que o Espírito Santo prossiga os seus apelos e para que nós possamos responder-lhes como Peter e Anna, Mavuto e Christina, Dermot e Florian e todos aqueles que têm ajudado a semear e a cultivar as sementes do nosso Movimento. Pedimos a todos que rezem por esta equipa, pelas suas famílias e pelas suas comunidades no Malavi que têm necessidade da nossa solidariedade, da nossa entreatura e do nosso amor.

Que Deus vos abençoe.



FRANÇOIS FLEISCHMANN

A Graça do Espírito Santo

Amigos das Equipas, escrevo-vos esta carta alguns dias depois da festa de Pentecostes, que celebrámos em Roma com o conjunto dos Movimentos eclesiais — de que as Equipas de Nossa Senhora fazem parte — e das novas comunidades. O Papa Bento XVI ofereceu-nos uma magnífica re-

flexão sobre o Espírito Santo. Proponho-vos a meditação de alguns aspectos dessa mensagem que citarei amplamente.

É que o Espírito Santo foi-vos dado de forma particular no sacramento do matrimónio. Sabeis certamente que as recentes edições do ritual ex-

primem claramente este dom: na bênção dos esposos, o celebrante pede a Deus que «envie sobre eles a graça do [seu] Espírito Santo».

Bento XVI começou por lembrar que o Espírito é *criador*. O mundo e o nosso próprio ser foram queridos e ordenados pelo Espírito de Deus. O Espírito Santo «vem ao nosso encontro através da criação e da sua beleza». Espera-se que nos assumamos como «homens e mulheres que sejam realmente filhos de Deus e que se comportem como tal».

«O Espírito Criador vem em nosso auxílio». Permite que «olhemos a *intimidade de Deus*». «O Espírito Criador tem um coração. Ele é Amor». A unidade de amor que é o próprio Deus manifestou-se-nos através do Filho, encarnado em Jesus. E «Jesus não se contenta com vir ao nosso encontro. Quer mais. Quer a unificação. É este o significado da imagem do banquete e das núpcias». Agora foi-nos dado o Espírito Santo que «entra nos nossos corações, pondo-nos em ligação com o próprio Jesus e com o Pai — com o Deus Uno e Trino».

Demos graças pelo dom do Espírito de amor, que une tão profundamente o amor humano com a sua fonte no amor infinito e fiel de Deus Criador.

Baseando-se nas palavras de Jesus, o Papa desenvolveu três efeitos do Es-

pírito transmitido por Cristo: Ele dá a vida, a liberdade e a unidade.

O filho pródigo queria ser totalmente senhor da sua vida para si próprio; e encontra-se num vazio desesperante. Jesus *dá a vida* em abundância. Bom Pastor, dá a vida por sua iniciativa (cf. Jo 10, 18). «Só dando a vida a encontramos; não a encontramos se quisermos tomar posse dela». Não estará aqui uma chave do amor autêntico que os esposos dão um ao outro no acto sacramental que se desenvolve ao longo da vida?

O Espírito *dá-nos a liberdade* dos filhos. «A verdadeira liberdade demonstra-se na responsabilidade, numa forma de agir que assume a co-responsabilidade pelo mundo, por si próprio e pelos outros. O filho a quem pertence alguma coisa e que não permite que essa coisa seja destruída é livre». Compete-vos reconhecer aqui uma chave da vida em casal.

Inseparável dos dons da vida e da liberdade, está o *dom da unidade*. O sopro do Espírito «reúne-nos, porque a verdade une e o amor une. O Espírito Santo é o Espírito de Jesus Cristo, o Espírito que une o Pai ao Filho no Amor que, no Deus único, dá e acolhe».

Sugiro-vos que consagrem um *dever de se sentar* a redescobrir como, em conjunto, acolheis os dons da vida, da liberdade e da unidade, esses dons do Espírito.

Encontro «LOURDES 2006»

RENE E MARIE JOËLE BANNIER

PELA EQUIPA DA ORGANIZAÇÃO



Era grande a nossa emoção quando, a 16 de Setembro à noite, vos vimos

dirigirem-se em filas compactas para a basílica de S. Pio X, todos de capuz verde sob um forte aguaceiro.

Tínhamos pensado tanto em vós durante cerca de 3 anos que ver-vos surgir, de repente, na noite e, a seguir, ver esta igreja cheia inundou-nos de alegria e de emoção, e dizemo-vos hoje o que gostaríamos de vos ter dito nesse momento...

OBRIGADO POR TERDES VINDO

Os nossos agradecimentos vão para aqueles e aquelas que permitiram que este encontro se realizasse, para todos aqueles que se puseram ao serviço com competência, voluntária e alegremente: foram 800 em todo o mundo a provar que há felicidade em servir.

OBRIGADO às equipas que se constituíram em todas as Regiões e Supra-Regiões do mundo; foram elas que se ocuparam das inscrições e do encaminhamento dos participantes para Lourdes e foram para nós testemunhos seguros, eficazes e amigos. A sua ajuda continuou durante o encontro e foi para nós preciosa.

OBRIGADO em particular à Supra-Região França, Luxemburgo, Suíça; os seus membros foram altamente solicitados e 600 deles propuseram-se para nos ajudar.

OBRIGADO aos trabalhadores da primeira hora, 14 casais que chamámos e que, por sua vez, chamaram outros. Juntos, durante quase 3 anos, construímos «Lourdes 2006».

OBRIGADO aos trabalhadores da «hora antes do Encontro». Chegaram vários dias antes para encher e distribuir pelos hotéis as mochilas que nos foram tão úteis e que causaram sensação na cidade de Lourdes.

OBRIGADO à equipa que se ocupou da arrumação da basílica e à equipa de decoração.

OBRIGADO aos trabalhadores de «durante o encontro»: às equipas de acolhimento e do serviço de ordem, aos responsáveis de casa, ao serviço de ordem durante as liturgias.

OBRIGADO ao coro, aos músicos, ao maestro, à animadora e a todos quantos participaram nas animações.

OBRIGADO aos doentes e às suas famílias pela confiança que depositaram em nós — a sua presença permitiu-nos dilatar o coração — e OBRIGADO aos que os acompanharam.

OBRIGADO à equipa de comunicação, que se colocou, dia e noite, ao serviço dos equipistas que ficaram em casa e lhes permitiu viver o nosso encontro dia após dia. Ela foi para nós a imagem ideal da internacionalidade do nosso Movimento.

OBRIGADO aos trabalhadores da «hora pós-encontro», aqueles que vieram em grande número ajudar-nos a arrumar tudo, a pôr a basílica como a tínhamos encontrado.

OBRIGADO a todas as mãos que coseram as vestes litúrgicas, às que se ofereceram para o acolhimento na estação e nos aeroportos, às que fizeram o aprovisionamento e às que se ocuparam da loja de recordações.

OBRIGADO a todas as casas que se abriram em Paris e não só para acolher, antes ou depois do encontro, os amigos de todo o mundo que prolongaram a sua estadia em França.

OBRIGADO a todos vós que não pudestes vir e que, com muitos outros, nos tivestes presente nas vossas orações durante tanto tempo. OBRIGADO às comunidades religiosas amigas que rezaram em comunhão connosco.

OBRIGADO às Carmelitas de Lourdes, que levaram todas as intenções de oração depositadas e enviadas para o sítio da Internet durante o encontro. Vão apresentá-las, uma a uma, ao Senhor durante as próximas semanas.

UM GRANDE OBRIGADO ao Senhor por nos ter reunido junto de Maria em Lourdes.

Convidamo-vos a continuar a segui-la com as Equipas de Nossa Senhora na paz, na alegria, na oração e na certeza tão sentida em Lourdes por aqueles que nos viram de que há felicidade em ser casado. OBRIGADO pelo vosso testemunho.



Equipas de Nossa Senhora

Movimento de Espiritualidade Conjugal

Porquê um logótipo para as Equipas de Nossa Senhora?

Vivemos numa civilização da imagem e do visual, em que cada pessoa se encontra por detrás de um sinal, de um emblema, de uma bandeira, de um logótipo. As Equipas de Nossa Senhora, como todos os outros movimentos, têm necessidade de um logótipo único, sinal de conhecimento e de reconhecimento.

O colégio de Houston, em Julho de 2001, confiou à Equipa Satélite Comunicação a missão de trabalhar na criação de um logótipo comum a todo o movimento.

Que logótipo?

O logótipo deve mostrar claramente a identidade e a unidade do nosso Movimento, a nível local, nacional e internacional.

O logótipo foi oficializado no Encontro Internacional de Lourdes, em Setembro de 2006. De acordo com as decisões tomadas pelo colégio, a partir dessa data só este poderá ser utilizado pelo conjunto das Equipas em todo o mundo. **Por conseguinte, substituirá todos os logótipos existentes.**

Será possível criar-se para acontecimentos pontuais (Encontro-Internacional, encontro de Supra-Região, etc.) um logótipo especial para esse acontecimento, que deverá coexistir com o logótipo das Equipas em todos os documentos e em todas as publicações.

A sua mensagem deve ser facilmente reconhecida pelos sinais escolhidos para o representar.

Somos um movimento de «Espiritualidade conjugal» que reúne casais cristãos unidos pelo sacramento do

matrimônio e que desejam, em conjunto, aprofundar as graças do seu matrimônio.

Os vários trabalhos e as várias reflexões realizados pela equipa satélite e pelo colégio levaram à confirmação de que esses sinais são para nós o **peixe** e as **alianças**.

Vejamos porque:

O **Peixe** é o emblema dos primeiros cristãos.

As letras da palavra grega “peixe” (ἰχθύς) significam “Jesus Cristo, Filho de Deus Salvador”; o peixe era, assim, o modo como representavam Cristo.

Tal como eles, encontramos-nos para as nossas reuniões. A palavra equipa vem da palavra em francês antigo “esquif”, que, em português, significa esquife, barca; também aqui encontramos o símbolo do peixe.

Assim, pode ver-se no peixe a dupla referência a Cristo e às Equipas, que constitui justamente a base do nosso Movimento.

As **alianças** são as alianças do casamento. As alianças indicam a situação da pessoa casada. São o sinal da afeição, do amor, da fidelidade ao ser amado e escolhido.

Temos, portanto, dois fortes sinais constitutivos do nosso movimento: a referência cristã e a da aliança.

O LOGOTIPO

O logótipo é composto pelos dois símbolos que acabámos de referir — o peixe e as alianças — e pelo nome do movimento.

É simples e estilizado. É constituído pelas três cores primárias — azul, amarelo e vermelho — com referência ao significado que lhes é dado na iconografia:

- * O **azul** para simbolizar a divindade (Deus)
- * O **amarelo** ou dourado para mostrar a glória de Deus
- * O **vermelho** para a humanidade.

O peixe é em azul, e tem a cabeça voltada para a direita.

As alianças, em forma de círculos sobre o peixe, são em *dégradé* de amarelo e vermelho. Entrelaçadas sobre o peixe, simbolizam a aliança de Deus com o seu povo, aliança a que o matrimónio cristão vai buscar o seu fundamento e da qual recebe a sua natureza própria como sacramento.

Por debaixo do logótipo estará escrito, em letras minúsculas, «Equipas de Nossa Senhora» e «Movimento de Espiritualidade Conjugal.



A Nova Equipa Responsável Internacional

A nova ERI, a quem foi passado o testemunho em Lourdes tem a seguinte constituição:



Cerimónia
de passagem
de responsabilidade



Carla e Carlo Volpini (Itália)
Casal Responsável Internacional



Tó e Zé Moura Soares (Portugal)
Equipas satélite



Sílvia e Chico Assis Pontes (Brasil)
Casal de Ligação Zona Américas



Maru e Paço Nemésio (Espanha)
Casal de Ligação Zona Euráfrica



Elaine e John Cogavin (Irlanda)
Casal de Ligação Zona Eurásia



Genevieve e Hervé Corn (França)
Casal de Ligação Zona Europa Central

Vida em Movimento



JOANA E SAMUEL SANCHES
LISBOA 100

Grande Madamento inicial:

«...CRESCEI...»!

Queridos Amigos,

Hoje ganhámos coragem para abordar um tema pertinente, muitas vezes incompreendido pelos fiéis da Igreja Católica e, entre esses, por membros das ENS: o sacramento da reconciliação ou, se quiserem, a confissão.

É pena constatar-se que muitos católicos se afastam da confissão. Não é raro ouvir-se aqui e acolá expressões como: “*para quê confessar-me se amanhã volto a cair?*”; “*não preciso de me confessar, confesso-me directamente a Deus*”; “*não faço mal a ninguém, não tenho pecados, confissão! para quê?*”; etc.

Alguns possivelmente têm vergonha de ter que dizer a um sacerdote os seus pecados! Chegamos a ter pena dos próprios padres que certamente se fartam de ouvir sempre as mesmas coisas de tanta gente. Afinal somos todos iguais, cometemos todos os mesmos erros! Há faltas mais cometidas por uns, há faltas mais cometidas por outros. Mas haverá algo de novo que os padres não sabiam ou não conheciam?

Para quê confessar-me se amanhã volto a cair!... Dizem uns. Para quê lavar-me se amanhã me volto a sujar!... Já os mesmos não dizem. Para quê alimentar-me se amanhã volto a ter fome!... Para quê..., para quê..., para quê... simplesmente para Viver...

Aqueles que afirmam confessarem-se directamente a Deus certamente não entenderam ainda que não há pecado algum contra Deus que não o seja simultaneamente contra o homem!... E vice versa!... Assim, a reconciliação pela própria vontade de Deus, deve ser feita, conversada, numa relação vertical e horizontal, com Deus e com os homens, podendo estes ser representados pela pessoa do sacerdote.

“Se fores, portanto, apresentar uma oferta sobre o altar e ali te recordares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar, e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; depois, volta para apresentar a tua oferta”

(Lc 12, 23-24)

De facto qualquer pecado, por mais recôndito que seja, fere sempre os homens, e conseqüentemente fere a Igreja. Não há pecado algum que não prejudique a humanidade!... Por isso Deus manda largar a oferta sobre o altar enquanto não acontecer a reconciliação com o(s) irmão(s) prejudicado(s)... Então sim, pede depois o regresso ao altar, o regresso à Sua Pessoa.

Ninguém é auto-suficiente para sozinho se libertar do pecado. A pessoa para apagar o seu pecado necessita sempre do auxílio da graça externa que vem de Deus. Ele próprio quis que essa graça fosse mediada pela Igreja na presença do sacerdote, discípulo de Pedro.

“E tendo dito isto Jesus soprou sobre eles dizendo: «recebei o Espírito Santo. Os pecados daqueles a quem perdoardes serão perdoados. Os pecados daqueles a quem não perdoardes não serão perdoados.”

(Jo 20, 22-23)

Há no entanto, infelizmente, muitas pessoas cujo orgulho não lhes permite reconhecer os seus erros e conseqüentemente não se confessam. São as tais que se consideram sem pecado!...

Von Balthazar, ilustre teólogo alemão do século XX, quando confrontado com alguém que lhe afirmava não ter pecados respondeu: *“dou muitas graças a Deus por estar diante de alguém que em todos os instantes da sua vida ama a Deus sobre todas as coisas e em todos os instantes da sua vida ama o próximo como a si mesmo”!*... Afinal tratava-se de alguém que em todos os instantes

da sua vida sempre cumpriu os dois primeiros mandamentos da Lei de Deus, os grandes mandamentos do Amor!... É mesmo de dar graças a Deus por se conhecer alguém assim!...

Os únicos que a história conheceu assim chamam-se Jesus, Filho de Deus, Aquele que é o verdadeiro Amor personificado, e Maria Sua Mãe, a Imaculada Conceição.

Ainda assim Jesus, Deus de Deus, quis colocar-se na fila dos pecadores ao insistir ser baptizado por João Baptista... Não porque tivesse pecados, pois Ele nunca conheceu o pecado. Mas porque quis dar o exemplo da sujeição à mediação da Igreja emergente, na qual todos entramos através do baptismo.

A presunção de que não se tem pecado torna-se assim no pecado mais grave. Repete a intenção e a gravidade do pecado original ao considerar-se igual a Deus, Aquele que verdadeiramente não tem pecado.

O maior pecado, ou melhor, aquele a que se resumem todos os pecados, é o pecado contra o Amor... Como pode alguém relacionar-se com o Amor, que é Deus, na arrogância do seu amor próprio, na presunção da sua auto-suficiência?... Palavras de orgulho não entram nos ouvidos de Deus.

“O orgulho põe-nos como que escamas nos olhos e impede-nos de dobrar os joelhos. Quebrado o orgulho, saltam as escamas que nos impediam de ver e logo os joelhos se dobram...”

Um Coronel

Como tantos podem certamente testemunhar, a oração surge muito mais transparente, mais revestida de autenticidade, mais perfumada de Alegria, quando acontece na Paz que só Deus pode dar. Uma Paz completamente diferente daquela que o homem pode oferecer aos outros ou a si próprio.

Mas a Paz não é apenas um fruto da oração, é também uma condição essencial para que uma oração produza frutos.

“Se ficardes unidos a Mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes e ser-vos-á concedido...”

(Jo 15, 7)

Uma mística contemporânea conta-nos que certa vez, enquanto rezava, viu por três vezes a imagem de uma flor. Da primeira vez a flor era linda, colorida, com frescura, e encantava. Da segunda vez a mesma flor aparece-lhe murcha, seca, perdera toda a sua beleza e entristecia. Da terceira vez viu cair uma gota de água nessa flor murcha e seca, e ela instantaneamente recuperou a sua frescura e beleza inicial. Intrigada, pediu, em oração, que lhe fosse revelada o sentido destas imagens. Segundo a sua descrição foi-lhe dado a conhecer que cada um dos nossos corações é como essa flor!... Cada coração é naturalmente belo, cheio de frescura, encantado; mas quando cai no pecado ele perde todo o seu encanto e murcha. A gota de água que cai sobre a flor representa a confissão. Percebeu que, quando se cai no pecado, é necessário uma ajuda externa para dele sair e recuperar o encanto inicial. Essa

ajuda externa é a Graça que do Alto é conferida pela Absolvição.

Neste caminho de conversão que percorremos na vida, e no caso concreto com a ajuda da metodologia da ENS, torna-se urgente decidirmo-nos definitivamente por Deus; acabarmos com todo o tipo de resistências que as nossas conveniências vão criando; apagarmos tudo o que nos impede de viver verdadeiramente unidos a Deus.

A esse propósito recordamos a parábola dos talentos (Mt 25, 14-30), que aconselhamos a reler, na qual diversos servos do mesmo Senhor receberam alguns talentos para administrarem enquanto o mesmo estivesse fora. Quando depois o Senhor regressou, todos devolveram os talentos multiplicados, uns mais outros menos, excepto um que guardou o seu talento de baixo de terra e o devolveu sem qualquer rendimento. Então o Senhor retirou-lhe o talento dizendo: *«Tirai-lhe o talento que tem e dai-o àquele que tem dez, porque a todo aquele que tem, mais será dado e terá em abundância, mas àquele que não tem, até o que tem será tirado. Quanto ao servo inútil, lançai-o fora nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes!»*

Esta parábola é surpreendente! Até parece que Deus é injusto, ao condenar aquele que, coitado, nada roubou, nada ganhou, apenas não arriscou e guardou aquilo que não era seu. E de seguida privilegiou aquele que mais tinha!...

Contudo, reflectindo nesta parábola à luz da confissão, facilmente se entende que não se trata de uma injus-

tiça da parte do Senhor. Jesus apresentou, nesta parábola, uma nova compreensão do dever do homem.

Aquele que trabalha, sem medo de perder, progride. Aquele que pratica o bem crescerá e será recompensado. Pelo contrário aquele que guarda os seus dons consigo próprio não cresce, mas definha, e isso começa a ser um pecado grave.

Por esta parábola se compreende porque é que a preguiça é um dos pecados capitais. Não se trata propriamente de dormir mais uma hora, ou de não acabar a tempo quaisquer obrigações. Trata-se da preguiça na atitude do homem em colaborar com Deus, em pôr a render os dons que Deus lhe deu.

Como nos diz Frei Slavko Barbaric, quem colabora com Deus, desenvolve os seus talentos, os seus dons, e naturalmente torna-se dócil. Aquele que não se esforça, que é preguiçoso, que tem medo de perder, jamais será uma pessoa adulta criada à imagem e semelhança de Deus. É a maior resistência à vontade de Deus.

O homem foi criado para crescer. No início da criação Deus disse: «...CRESCEI...». Esta é a grande vontade de Deus, é a Lei interior de toda a criação, e visa sobretudo o homem. Só depois é que Deus acrescentou: «... e Multiplicai-vos...».

Só o homem na sua liberdade poderá dizer: «*Eu recuso-me a crescer*». E decidir-se por não pôr a render os seus dons deixando envolver-se pela preguiça. Desta forma ele opõe-se à vontade de Deus que definiu nas origens

as leis do crescimento de toda a criação.

Isto é particularmente pertinente, pois o pecado do homem não está apenas nos actos errados que comete, mas sobretudo nas suas omissões. Muitas são as vezes que perdemos a oportunidade de amar Deus ou o próximo, apenas pela preguiça a que nos acabamos de referir.

Qual Pai pode ser insensível à forma como os seus filhos crescem? Qual jardineiro será indiferente à forma como as suas flores crescem? Ambos fazem tudo para que os respectivos crescimentos aconteçam de uma forma equilibrada e adequada.

Por isso Deus não fica indiferente a esta situação, e num gesto do Seu infinito Amor e Misericórdia, coloca à nossa disposição diversos meios pelos quais podemos crescer na Sua Graça, na Sua Alegria, nos Dons que Ele próprio nos ofereceu, entre os quais temos muito especialmente o sacramento da reconciliação.

“Ah! Eu sinto que ainda que eu tivesse na consciência todos os crimes que se podem cometer, não perderia nada da minha confiança; com o coração retalhado pelo arrependimento, iria lançar-me nos braços do meu Salvador. Sei que toda esta multidão de ofensas se desfaria num instante, como uma gota de água deitada num braseiro ardente”

S.^{1a} Teresinha do Menino Jesus

Damos graças pela imensa Misericórdia de Deus que, tantas vezes, através do impulso do sacramento da confissão, nos ajuda a dar vida a esse Seu grande mandamento inicial: «...CRESCEI...»!



Homilia do Papa no encontro com os movimentos e novas comunidades eclesiais, realizada no dia 3 de Junho, véspera de Pentecostes, na Praça de São Pedro

Amados irmãos e irmãs

Viestes verdadeiramente em grande número esta tarde à Praça de São Pedro, para participar na Vigília de Pentecostes. Agradeço-vos de coração! Pertenceis a diversos povos e culturas, vós representais aqui todos os membros dos Movimentos eclesiais e das novas Comunidades, espiritualmente reunidos em redor do Sucessor de Pedro para proclamar a alegria de crer em Jesus Cristo, e renovar o compromisso de lhe serdes discípulos fiéis neste nosso tempo. Agradeço-vos a vossa participação e dirijo a cada um de vós a minha cordial saudação. Transmito o meu pensamento carinhoso em primeiro lugar aos Senhores Cardeais, aos venerados Irmãos no episcopado e no sacerdócio, aos religiosos e às religiosas. Saúdo os responsáveis das vossas numerosas realidades eclesiais, que mostram como é viva a acção do Espírito Santo no Povo de Deus. Saúdo as pessoas que prepararam este acontecimento extraordinário e, em particular, quantos trabalham no Pontifício Conselho para os Leigos, juntamente com o Secretário D. Josef Clemens, e o Presidente, D. Stanislaw Rylko, a quem agradeço também as cordiais expressões que me dirigiu no início da Liturgia das Vésperas. Volta com emoção à nossa memória o encontro análogo que teve lugar nesta mesma Praça, no dia 30 de Maio de 1998, com o amado Papa João Paulo II. Grande evangelizador da nossa época, ele acompanhou-vos e orientou-vos durante todo o seu Pontificado; várias vezes definiu “providenciais” as vossas Associações e Comunidades, sobretudo porque o Espírito santificador se serve delas para despertar a fé nos corações de numerosos cristãos e para fazer com que eles redescubram a vocação recebida mediante o Baptismo, ajudando-os a serem testemunhas de esperança, repletas daquele fogo de amor que é precisamente o dom do Espírito Santo.

Agora, nesta Vigília de Pentecostes, nós perguntamo-nos: quem ou o que é o Espírito Santo? Como podemos reconhecê-lo? De que modo vamos a Ele e Ele

vem a nós? O que realiza? Uma primeira resposta recebemo-la do grande hino pentecostal da Igreja, com o qual começamos as Vésperas: “*Veni, Creator Spiritus... Vem, Espírito Criador...*”. Aqui, o hino refere-se aos primeiros versículos da Bíblia que, com o recurso a imagens, exprimem a criação do universo. Ali afirma-se sobretudo que acima do caos, sobre as águas do abismo, pairava o Espírito de Deus. O mundo em que vivemos é obra do Espírito Criador. O Pentecostes não é apenas a origem da Igreja e por isso, de modo especial, a sua festa; o Pentecostes é também uma festa da criação. O mundo não existe por si mesmo; provém do Espírito criativo de Deus, da Palavra criadora de Deus. E por este motivo reflecte inclusive a sabedoria de Deus. Na sua vastidão e na lógica omnicompreensiva das suas leis, deixa entrever algo do Espírito Criador de Deus. Exorta-nos ao temor reverencial.

Precisamente quem, como cristão, crê no Espírito Criador, toma consciência do facto de que não podemos usar e abusar do mundo e da matéria como de um simples objecto da nossa acção e da nossa vontade; que temos o dever de considerar a criação como um dom que nos foi confiado não para a destruição, mas para que se torne o jardim de Deus e assim um jardim do homem. Diante das múltiplas formas de abuso da terra que hoje vemos, ouvimos como que o gemido da criação, de que fala São Paulo (*cf. Rm 8, 22*); começamos a compreender as palavras do Apóstolo, ou seja, que a criação espera com impaciência a revelação dos filhos de Deus, para se tornar livre e alcançar o seu esplendor.

Queridos amigos, nós queremos ser estes filhos de Deus, que a criação espera, e podemos sê-lo porque no baptismo o Senhor nos tornou assim. Sim, a criação e a história esperam por nós, contam com homens e mulheres que realmente sejam filhos de Deus e se comportem de modo consequente. Se contemplamos a história, vemos que em redor dos mosteiros a criação conseguiu prosperar, assim como com o despertar do Espírito de Deus nos corações dos homens voltou o fulgor do Espírito Criador também sobre a terra um esplendor que tinha sido ofuscado, e por vezes até quase extinto, pelas barbáries da avidez de poder. E a mesma coisa acontece de novo em redor de Francisco de Assis acontece em toda a parte onde às almas chega o Espírito de Deus, este Espírito que o nosso hino qualifica como luz, amor e força. Deste modo encontramos uma primeira resposta à pergunta sobre o que é o Espírito Santo, o que Ele põe em acção e como é que podemos reconhê-lo. Ele vem ao nosso encontro através da criação e da sua beleza. Todavia, ao longo da história dos homens, a boa criação de Deus foi coberta por um estrato maciço de escórias que torna, se não impossível, de qualquer maneira difícil reconhecer nela o reflexo do Criador embora diante de um pôr-do-sol no mar, durante uma excursão à montanha ou à vista de uma flor desabrochada desperte em nós, sempre de novo e como que espontaneamente, a consciência da existência do Criador.

Mas o Espírito Criador vem em nossa ajuda. Ele entrou na história e assim fala-nos de uma maneira nova. Em Jesus Cristo, o próprio Deus fez-se homem e permitiu-nos, por assim dizer, lançar um olhar na intimidade do próprio Deus. E ali vemos algo totalmente inesperado: em Deus existe um Eu e um Tu. O Deus misterioso não constitui uma solidão infinita; Ele é um acontecimento de amor. Se do olhar sobre a criação pensamos que podemos entrever o Espírito Criador, o próprio Deus, como que uma matemática criativa, como um poder que plasma as leis do mundo e a sua ordem e, em seguida, contudo, inclusive como beleza agora é-nos dado saber: o Espírito Criador tem um Coração. Ele é Amor. Existe o Filho que fala com o Pai. E ambos são um só no Espírito Santo que é, por assim dizer, a atmosfera do doar e do amar, que faz deles um único Deus. Esta unidade de amor, que é Deus, constitui uma unidade muito mais sublime de quanto poderia ser a unidade de uma última partícula indivisível. Precisamente o Deus trino é o Deus uno.

Por meio de Jesus nós lançamos, por assim dizer, um olhar sobre a intimidade de Deus. No seu Evangelho, João expressou-o assim: “A Deus, jamais alguém O viu. O Filho unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem O deu a conhecer” (Jo 1, 18). Todavia, Jesus não nos deixou somente olhar na intimidade de Deus; com Ele, Deus também como que saiu da sua intimidade e veio ao nosso encontro. Isto acontece sobretudo na sua vida, paixão, morte e ressurreição; na sua palavra. Mas Jesus não se contenta com vir ao nosso encontro. Ele quer mais. Deseja a unificação. Este é o significado das imagens do banquete e das bodas. Nós não devemos somente conhecer algo dele, mas através dele mesmo temos o dever de ser atraídos a Deus. Por isso, Ele deve morrer e ressuscitar. Porque agora já não se encontra num determinado lugar, mas o seu Espírito, o Espírito Santo, já emana dele e entra nos nossos corações, unindo-nos deste modo com o próprio Jesus e com o Pai, com o Deus Uno e Trino.

O Pentecostes é isto: Jesus, e através dele o próprio Deus, vem a nós e atrai-nos para dentro de si. “Ele envia o Espírito Santo” assim se expressa a Escritura. Qual é o efeito disto? Em primeiro lugar, gostaria de relevar dois aspectos: o Espírito Santo, por meio de quem Deus vem a nós, dá-nos a vida e a liberdade. Observemos ambas um pouco mais de perto. “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”, diz Jesus no Evangelho de João (10, 10). Todos nós aspiramos à vida e à liberdade. Mas de que se trata, onde e como é que encontramos a “vida”?

Espontaneamente, penso que a esmagadora maioria dos homens tem o mesmo conceito de vida do filho pródigo, no Evangelho. Ele pediu a parte de património que lhe cabia, e agora sentia-se livre, queria finalmente viver já sem o peso dos afazeres de casa, queria simplesmente viver. Receber da vida tudo o que ela pode oferecer. Gozá-la plenamente viver, só viver, beber na abun-

dância da vida e nada perder daquilo que de precioso ela pode oferecer. No final, acabou por se tornar guardião de porcos e chegou mesmo a invejar aqueles animais tão vazia se tinha tornado esta sua vida, tão inútil! E vã revelava-se inclusive a sua liberdade. Porventura não acontece também assim nos nossos dias?

Quando o homem quer somente apoderar-se da vida, ela torna-se cada vez mais vazia, mais pobre; termina-se facilmente por se refugiar na droga, na grande ilusão. E emerge a dúvida se, no final de contas, viver é verdadeiramente um bem. Não, deste modo nós não encontramos a vida. A palavra de Jesus sobre a vida em abundância encontra-se no discurso do Bom Pastor. É uma palavra que se põe num duplo contexto. Sobre o pastor, Jesus diz-nos que ele entrega a sua vida. “Ninguém tira a minha vida, mas sou Eu que a ofereço livremente” (cf. Jo 10, 18). A vida só se encontra, quando é doada; ela não pode ser encontrada, desejando tomar posse dela. É isto que devemos aprender de Cristo; é isto que nos ensina o Espírito Santo, que é puro dom, que é doar-se de Deus. Quanto mais alguém entrega a sua vida pelos outros, pelo próprio bem, tanto mais copiosamente corre o rio da vida. Em segundo lugar, o Senhor diz-nos que a vida desabrocha, quando caminhamos em companhia do Pastor, que conhece as pastagens, os lugares onde brotam as nascentes da vida. Encontramos a vida na comunhão com Aquele que é a vida em pessoa na comunhão com o Deus vivo, uma comunhão em que somos introduzidos pelo Espírito Santo, denominado no hino das Vésperas como “*fons vivus*”, fonte viva. A pastagem, onde correm as fontes da vida, é a Palavra de Deus como a encontramos na Escritura, na fé da Igreja. A pastagem é o próprio Deus que, na comunhão da fé, aprendemos a conhecer através do poder do Espírito Santo.

Estimados amigos, os Movimentos nasceram precisamente da sede da vida verdadeira; são Movimentos pela vida sob todos os aspectos. Onde já não corre a verdadeira fonte da vida, onde o homem somente se apodera da vida em vez de a entregar, ali está em perigo também a vida dos outros; ali está-se disposto a excluir a vida inerte nascitura, porque ela parece tirar espaço à própria vida. Se quisermos proteger a vida, então temos que voltar a encontrar sobretudo o manancial da vida; deste modo, a própria vida deve ressurgir em toda a sua beleza e sublimidade; então temos o dever de nos deixarmos vivificar pelo Espírito Santo, a fonte criativa da vida.

O tema da liberdade já foi mencionado há pouco. Com a partida do filho pródigo estão vinculados precisamente os temas da vida e da liberdade. Ele deseja a vida e por isso quer ser totalmente livre. Nesta visão, ser livre significa poder fazer tudo o que deseja; não ter que aceitar qualquer critério fora e acima de mim mesmo. Seguir exclusivamente o meu desejo e a minha vontade. Quem vive assim, embater-se-á depressa com o outro que quer viver desta

mesma maneira. A consequência necessária deste conceito egoísta de liberdade é a violência, a destruição recíproca da liberdade e da vida. Ao contrário, a Sagrada Escritura une o conceito de liberdade ao de progeneritura. São Paulo diz: “Vós não recebestes um Espírito que vos escraviza e volta a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adotivos. É por Ele que clamamos: Abbá, ó Pai!” (Rm 8,15).

O que é que isto significa? São Paulo pressupõe nisto o sistema social do mundo antigo, em que existiam os escravos, aos quais nada pertencia e que por isso não podiam interessar-se por um recto desenvolvimento dos acontecimentos. Correspondentemente havia os filhos, que eram também os herdeiros e que por este motivo se preocupavam com a conservação e a boa administração da sua propriedade ou com a preservação do Estado. Dado que eram livres, tinham também uma responsabilidade. Prescindindo do contexto sociológico daquela época, é válido sempre este princípio: a liberdade e a responsabilidade caminham juntas. A verdadeira liberdade demonstra-se na responsabilidade, num modo de agir que assume sobre si a co-responsabilidade pelo mundo, por si mesmo e pelos outros. Livre é o filho, a quem pertencem as coisas e que por isso não permite que as mesmas sejam destruídas. Todas as responsabilidades mundanas, de que falamos, são contudo responsabilidades parciais, por um determinado âmbito, por um certo Estado, etc. O Espírito Santo, pelo contrário, torna-nos filhos e filhas de Deus. Ele compromete-nos nesta mesma responsabilidade de Deus pelo seu mundo, pela humanidade inteira. Ensina-nos a contemplar o mundo, o próximo e nós mesmos com os olhos de Deus.

Nós realizamos o bem não como escravos, que não são livres de agir de outra forma, mas fazemo-lo porque temos pessoalmente a responsabilidade pelo mundo; porque amamos a verdade e o bem, porque amamos o próprio Deus e portanto também as suas criaturas. Esta é a liberdade verdadeira, para a qual o Espírito Santo nos quer conduzir. Os Movimentos eclesiais querem e devem ser escolas de liberdade, desta liberdade genuína. Ali queremos aprender esta verdadeira liberdade, e não aquela dos escravos, que visa cortar para si mesma uma fatia do bolo de todos, mesmo que venha a faltar aos demais. Nós desejamos a liberdade verdadeira e grande, a dos herdeiros, a liberdade dos filhos de Deus. Neste mundo, tão repleto de liberdades simuladas que aniquilam o meio ambiente e o homem, queremos com a força do Espírito Santo aprender em conjunto a liberdade autêntica; construir escolas de liberdade; demonstrar aos outros, com a vida, que somos livres e como é bonito ser verdadeiramente livres na autêntica liberdade dos filhos de Deus.

Ao doar a vida e a liberdade, o Espírito Santo oferece também a unidade. Trata-se de três dons inseparáveis entre si. Já falei demasiado; no entanto, permiti-me dizer ainda uma breve palavra sobre a unidade. Para a

compreender, pode ser-nos útil uma frase que, num primeiro momento, parece contrariamente afastar-nos dela. A Nicodemos que, na sua busca da verdade, vai de noite ter com Jesus com as suas interrogações, Ele responde: “O Espírito sopra onde quer” (Jo 3, 8).

Mas a vontade do Espírito não é arbítrio. É a vontade da verdade e do bem. Por isso, Ele não sopra em toda a parte, virando uma vez aqui e a outra ali; o seu sopro não nos dispersa, mas reúne-nos, porque a verdade une como o amor une.

O Espírito Santo é o Espírito de Jesus Cristo, o Espírito que une o Pai ao Filho no Amor que, no único Deus, doa e recebe. Ele une-nos de tal modo, que certa vez São Paulo pôde dizer: “Todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3, 28). Com o seu sopro, o Espírito Santo impele-nos rumo a Cristo. O Espírito Santo age corporalmente, e não apenas sob os pontos de vista subjectivo, “espiritual”. Aos discípulos que O consideravam somente um “espírito”, Cristo ressuscitado disse: “Sou Eu mesmo! Tocai-me e olhai; um simples espírito um fantasma não tem carne nem ossos, como verificais que Eu tenho” (cf. Lc 24, 39). Isto é válido para Cristo ressuscitado, em todas as épocas da história. Cristo ressuscitado não é um fantasma, não é somente um pensamento, uma ideia. Ele permaneceu o Encarnado, ressuscitou Aquele que assumiu a nossa carne e continua sempre a edificar o seu Corpo, fazendo de nós o seu Corpo. O Espírito sopra onde quer, e a sua vontade é a unidade que se faz corpo, a unidade que encontra o mundo e o transforma.

Na Carta aos Efésios, São Paulo diz-nos que este Corpo de Cristo, que é a Igreja, contém juntas (cf. 4, 16), e chega a enumerá-las: são os Apóstolos, os Profetas, os Evangelistas, os Pastores e os Mestres (cf. 4, 11). Nos seus dons o Espírito é multiforme, como podemos ver aqui.

Se consideramos a história, se olhamos esta assembleia aqui na Praça de São Pedro então compreendemos como Ele suscita sempre novas dádivas; observamos como são diferentes os órgãos que Ele cria; e como, sempre de novo, age corporalmente. No entanto, nele a multiplicidade e a unidade caminham juntas. Ele sopra onde quer. E fá-lo de maneira inesperada, em lugares imprevistos e de maneiras precedentemente inimagináveis. E com que multifor- midade e corporeidade o faz! É também precisamente aqui que a multiplicidade e a unidade são inseparáveis entre si. Ele quer a vossa multifor- midade, e deseja que sejais o seu único corpo, na união com as ordens duradouras as juntas da Igreja, com os sucessores dos Apóstolos e com o Sucessor de São Pedro.

Ele não nos poupa o cansaço de aprender o modo de nos relacionarmos uns com os outros; mas demonstra-nos também que age em vista do único corpo e na unidade do único corpo. É exclusiva e precisamente assim que a unidade

alcança a sua força e a sua beleza. Participai na edificação do único corpo! Os pastores estarão atentos a não apagar o Espírito (cf. 1 Ts 5, 19), e vós não cessareis de oferecer as vossas dádivas à comunidade inteira. Uma vez mais: o Espírito sopra onde quer. No entanto, a sua vontade é a unidade. Ele conduz-nos rumo a Cristo, no seu Corpo. “É a partir dele [de Cristo] diz-nos São Paulo que o Corpo inteiro, bem ajustado e unido, por meio de toda a espécie de junturas que O sustentam, segundo uma força à medida de cada uma das partes, realiza o seu crescimento como Corpo, para se construir a si próprio no amor” (Ef 4, 16).

O Espírito Santo deseja a unidade, quer a totalidade. Por este motivo, a sua presença demonstra-se finalmente também no impulso missionário. Quem encontrou algo de verdadeiro, de belo e de bom na sua própria vida o único tesouro autêntico, a pérola inestimável! corre para o compartilhar em toda a parte, na família e no trabalho, em todos os âmbitos da sua existência. E fá-lo sem qualquer temor, porque sabe que recebeu a adopção de filho; sem qualquer presunção, porque tudo é dádiva; e sem desânimo, porque o Espírito de Deus precede a sua acção no “coração” dos homens e como semente nas mais diversificadas culturas e religiões. Fá-lo sem fronteiras, porque é portador de uma boa notícia destinada a todos os homens e a todos os povos.

Estimados amigos, peço-vos que sejais ainda mais, muito mais, colaboradores no ministério apostólico universal do Papa, abrindo as portas a Cristo. Este é o melhor serviço da Igreja aos homens e, de maneira totalmente particular, aos pobres, a fim de que a vida da pessoa, uma ordem mais justa na sociedade e a convivência pacífica entre as nações encontrem em Cristo a “pedra angular” sobre a qual construir a autêntica civilização, a civilização do amor. O Espírito Santo oferece aos fiéis uma visão superior do mundo, da vida e da história, fazendo deles guardiães da esperança que não engana.

Portanto oremos ao Deus Pai, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, na graça do Espírito Santo, a fim de que a celebração da Solenidade do Pentecostes seja como um fogo ardente e um vento impetuoso para a vida cristã e para a missão de toda a Igreja. Deposito as intenções dos vossos Movimentos e das vossas Comunidades no Coração da Santíssima Virgem Maria, presente no Cenáculo juntamente com os Apóstolos; que Ela suplique a realização concreta das mesmas. Sobre todos vós, invoco a efusão dos dons do Espírito, a fim de que nesta nossa época consiga realizar-se a experiência de um renovado Pentecostes. *Ámen!*

Homilia do Papa na missa de encerramento do V Encontro Mundial das Famílias

Valência, 9 de Julho de 2006

Queridos irmãos e irmãs:

Nesta Santa Missa que tenho a imensa alegria de presidir, concelebrando com numerosos Irmãos no episcopado e com um grande número de sacerdotes, agradeço ao Senhor por todas as amadas famílias que vos haveis congregado aqui, formando uma multidão jubilosa, e também por tantas outras que, desde distantes terras, seguem esta celebração através da rádio e da televisão. A todos desejo saudar e expressar o meu grande afecto com um abraço de paz.

Os testemunhos de Ester e Paulo, que escutamos antes nas leituras, mostram como a família é chamada a colaborar na transmissão da fé. Ester confessa: “Meu pai me contou que tu, Senhor, escolheste Israel entre as nações” (14, 5). Paulo continua a tradição dos seus antepassados judeus, dando culto a Deus com consciência pura. Louva a fé sincera de Timóteo e recorda-lhe que “essa fé que tiveram a sua avó Loide e a sua mãe Eunice, e que estou seguro que tens também tu” (2 Tim 1, 5). Nestes testemunhos bíblicos, a família abrange não só pais e filhos, mas também avós e antepassados. A família mostra-se assim como uma comunidade de gerações e como garantia de um património de tradições.

Nenhum homem deu o ser a si mesmo nem adquiriu por si só os conhecimentos elementares para a vida. Todos recebemos de outros a vida e as verdades básicas para a mesma, e somos chamados a alcançar a perfeição em relação e comunhão amorosa com os outros. A família, fundada no matrimónio indissolúvel entre um homem e uma mulher, expressa esta dimensão relacional, filial e comunitária, e é o âmbito onde o homem pode nascer com dignidade, crescer e desenvolver-se de um modo integral.

Quando uma criança nasce, através da relação com seus pais começa a fazer parte de uma tradição familiar, que tem raízes ainda mais antigas. Com o dom da vida recebe todo o património de experiência. A este respeito, os pais



têm o direito e o dever inalienável de transmiti-lo aos filhos: educá-los no descobrimento da sua identidade, iniciá-los na vida social, no exercício responsável da sua liberdade moral e da sua capacidade de amar através da experiência em que acolhem com confiança esse património e essa educação que vão assumindo progressivamente. Deste modo, são capazes de elaborar uma síntese pessoal entre o recebido e o novo, e que cada um e cada geração é chamada a realizar.

Na origem de todo o homem e, portanto, em toda a paternidade e maternidade humana, Deus Criador está presente. Por isso, os esposos devem acolher a criança que lhes nasce como filho não só seu, mas também de Deus, que o ama por si mesmo e o chama à filiação divina. Mais ainda: toda geração, toda a paternidade e maternidade, toda a família tem o seu princípio em Deus, que é Pai, Filho e Espírito Santo.

A Ester, o pai tinha transmitido, com a memória dos seus antepassados e do seu povo, um Deus do qual todos procedem e ao qual todos estão chamados a responder. A memória de Deus Pai que escolheu o seu povo e que actua na história para nossa salvação. A memória desse Pai ilumina a identidade mais profunda dos homens: de onde viemos, quem somos e quão grande é a nossa dignidade. Viemos certamente dos nossos pais e somos seus filhos, mas também viemos de Deus, que nos criou à sua imagem e nos chamou a ser seus filhos. Na origem de todo o ser humano não existe a sorte ou a casualidade, mas um projecto do amor de Deus. É o que nos revelou Jesus Cristo, verdadeiro Filho de Deus e homem perfeito. Ele conhecia de quem vinha e de quem viemos todos: do amor do seu Pai e nosso Pai.

A fé não é, pois, uma mera herança cultural, mas uma acção contínua da graça de Deus que chama, e da liberdade humana que pode ou não aderir a este chamamento. Ainda que ninguém responda por outro, contudo, os pais cristãos estão chamados a dar um testemunho confiável da sua fé e esperança cristãs. Não-de procurar que o chamado de Deus e a Boa-Nova de Cristo cheguem aos seus filhos com maior clareza e autenticidade.

Com o passar dos anos, este dom de Deus com o qual os pais contribuíram, pondo-o ante os olhos dos pequenos, necessitará também de ser cultivado com sabedoria e doçura, fazendo crescer neles a capacidade de discernimento. Deste modo, com o testemunho constante do amor conjugal dos pais, vivido e impregnado da fé, e com o acompanhamento entranhável da comunidade cristã, se favorecerá que os filhos façam seu o próprio dom da fé, descubram com ela o sentido profundo da própria existência e se sintam satisfeitos e agradecidos por isso.

A família cristã transmite a fé quando os pais ensinam os seus filhos a rezar e rezam com eles (cf. *Familiaris Consortio*, 60); quando os aproximam dos sacra-

mentos e vão introduzindo-os na vida da Igreja; quando todos se reúnem para ler a Bíblia, iluminando a vida familiar à luz da fé e louvando a Deus como Pai.

Na cultura actual, exalta-se muito frequentemente a liberdade do indivíduo concebido como sujeito autónomo, como se ele se fizesse só e se bastasse a si mesmo, à margem da sua relação com os demais e alheio à sua responsabilidade frente a eles. Tenta-se organizar a vida social só a partir de desejos subjectivos e mutáveis, sem referência alguma a uma verdade objectiva prévia como a dignidade de cada ser humano e os seus deveres e direitos inalienáveis, a cujo serviço deve estar todo o grupo social.

A Igreja não cessa de recordar que a verdadeira liberdade do ser humano provém de ter sido criado à imagem e semelhança de Deus. Por isso, a educação cristã é educação da liberdade e para a liberdade. “Nós fazemos o bem não como escravos, que não são livres para actuar de outra maneira, mas fazemo-lo porque temos pessoalmente a responsabilidade em relação ao mundo; porque amamos a verdade e o bem, porque amamos a Deus e, portanto, também as suas criaturas. Esta é a liberdade verdadeira, à qual o Espírito Santo quer levar-nos” (Homilia na vigília de Pentecostes).

Jesus é o homem perfeito, exemplo de liberdade filial, que nos ensina a comunicar o seu amor aos outros: “Como o Pai me amou, assim eu vos amei; permaneci em meu amor” (João 15, 9). A este respeito, o Concílio Vaticano II ensina que “os esposos e pais cristãos, seguindo o seu próprio caminho, devem apoiar-se mutuamente na graça, com um amor fiel ao longo de toda a sua vida, e educar no ensinamento cristão e nos valores evangélicos os seus filhos, recebidos amorosamente de Deus. Desta maneira, oferecem a todos o exemplo de um amor incansável e generoso, constroem a fraternidade de amor e são testemunhas e colaboradores da fecundidade da Mãe Igreja como símbolo e participação daquele amor com o qual Cristo amou a sua esposa e se entregou por ela” (Lúmen Gentium, 41).

A alegria amorosa com a qual os nossos pais nos acolheram e acompanharam nos primeiros passos neste mundo é como um sinal e prolongamento sacramental do amor benevolente de Deus, de quem procedemos. A experiência de ser acolhidos e amados por Deus e por nossos pais é a base firme que favorece sempre o crescimento e desenvolvimento autêntico do homem, que tanto nos ajuda a amadurecer no caminho para a verdade e para o amor, e a sair de nós mesmos para entrar em comunhão com os outros e com Deus.

Para avançar nesse caminho de maturidade humana, a Igreja ensina-nos a respeitar e promover a maravilhosa realidade do matrimónio indissolúvel entre um homem e uma mulher, que é, também, a origem da família. Por isso, reconhecer e ajudar essa instituição é um dos maiores serviços que se podem

prestar hoje em dia ao bem comum e ao verdadeiro desenvolvimento dos homens e das sociedades, assim como a melhor garantia para assegurar a dignidade, a igualdade e a verdadeira liberdade da pessoa humana.

Neste sentido, quero destacar a importância e o papel positivo que as distintas associações familiares eclesiais realizam a favor do matrimónio e da família. Por isso, “desejo convidar a todos os cristãos a colaborar, cordial e valentemente, com todos os homens de boa vontade, que vivem a sua responsabilidade ao serviço da família” (*Familiaris Consortio*, 86), para que, unindo as suas forças e com uma legítima pluralidade de iniciativas, contribuam para a promoção do verdadeiro bem da família na sociedade actual.

Voltamos por um momento à primeira leitura desta Missa, tomada do livro de Ester. A Igreja orante viu nessa humilde rainha, que intercede com todo o seu ser por seu povo que sofre, uma prefiguração de Maria, que seu Filho nos deu como Mãe; uma prefiguração da Mãe, que protege com o seu amor a família de Deus que peregrina neste mundo. Maria é a imagem exemplar de todas as mães da sua grande missão como guardiãs da vida, da sua missão de ensinar a arte de viver, a arte de amar.

A família cristã, pai, mãe e filhos é chamada, pois, a cumprir com os objectivos assinalados não como algo imposto desde fora, mas como um dom da graça do sacramento do matrimónio infundido nos esposos. Se estes permanecem abertos ao Espírito e pedem a sua ajuda, Ele não deixará de comunicar-lhes o amor de Deus Pai manifestado e encarnado em Cristo. A presença do Espírito ajudará os esposos a não perderem de vista a fonte e a medida do seu amor e entrega, e a colaborar com Ele para reflecti-lo e encarná-lo em todas as dimensões da sua vida. O Espírito suscitará neles, desta forma, o anseio do encontro definitivo com Cristo na casa de seu Pai e nosso Pai. Esta é a mensagem de esperança que desde Valência quero lançar a todas as famílias do mundo. *Ámen.*



Razões para escolher a vida

1. A Assembleia da República decidiu sujeitar, mais uma vez, a referendo popular o alargamento das condições legais para a interrupção voluntária da gravidez, acto vulgarmente designado por aborto voluntário. Esta proposta já foi rejeitada em referendo anterior, embora a percentagem de opiniões expressas não tivesse sido suficiente para tornar a escolha do eleitorado constitucionalmente irreversível, o que foi aproveitado pelos defensores do alargamento legal do aborto voluntário.

Nós, Bispos Católicos, sentimos perplexidade acerca desta situação.

Antes de mais porque acreditamos, como o fez a Igreja desde os primeiros séculos, que a vida humana, com toda a sua dignidade, existe desde o primeiro momento da concepção. Porque consideramos a vida humana um valor absoluto, a defender e a promover em todas as circunstâncias, achamos que ela não é referendável e que nenhuma lei permissiva respeita os valores éticos fundamentais acerca da Vida, o que se aplica também à Lei já aprovada. Uma hipotética vitória do “não” no próximo referendo não significa a nossa concordância com a Lei vigente.

2. Para os fiéis católicos o aborto provocado é um pecado grave porque é



uma violação do 5.º Mandamento da Lei de Deus, “não matarás”, e é-o mesmo quando legalmente permitido.

Mas este mandamento limita-se a exprimir um valor da lei natural, fundamento de uma ética universal. O aborto não é, pois, uma questão exclusivamente da moral religiosa; ele agride valores universais de respeito pela vida. Para os crentes acresce o facto de, na Sua Lei, Deus ter confirmado que esse valor universal é Sua vontade.

Não podemos, pois, deixar de dizer aos fiéis católicos que devem votar “não” e ajudar a esclarecer outras pessoas sobre a dignidade da vida humana, desde o seu primeiro mo-

mento. O período de debate e esclarecimento que antecede o referendo não é uma qualquer campanha política, mas sim um período de esclarecimento das consciências. A escolha no dia do referendo é uma opção de consciência, que não deve ser influenciada por políticas e correntes de opinião. Nós, os Bispos, não entramos em campanhas de tipo político, mas não podemos deixar de contribuir para o esclarecimento das consciências. Pensamos particularmente nos jovens, muitos dos quais votam pela primeira vez e para quem a vida é uma paixão e tem de ser uma descoberta.

Assim enunciamos, de modo simples, as razões para votar “não” e escolher a Vida:

1.^a O ser humano está todo presente desde o início da vida, quando ela é apenas embrião. E esta é hoje uma certeza confirmada pela Ciência: todas as características e potencialidades do ser humano estão presentes no embrião. A vida é, a partir desse momento, um processo de desenvolvimento e realização progressiva, que só acabará na morte natural. O aborto provocado, sejam quais forem as razões que levam a ele, é sempre uma violência injusta contra um ser humano, que nenhuma razão justifica eticamente.

2.^a A legalização não é o caminho adequado para resolver o drama do “aborto clandestino”, que acrescenta aos traumas espirituais no coração da mulher-mãe que interrompe a sua gravidez, os riscos de saúde ineren-

tes à precariedade das situações em que consoma esse acto. Não somos insensíveis a esse drama; na confidencialidade do nosso ministério conhecemos-lhe dimensões que mais ninguém conhece. A luta contra este drama social deve empenhar todos e passa por um planeamento equilibrado da fecundidade, por um apoio decisivo às mulheres para quem a maternidade é difícil, pela dissuasão de todos os que intervêm lateralmente no processo, frequentemente com meros fins lucrativos.

3.^a Não se trata de uma mera “despenalização”, mas sim de uma “liberalização legalizada”, pois cria-se um direito cívico, de recurso às instituições públicas de saúde, preparadas para defender a vida e pagas com dinheiro de todos os cidadãos.

“Penalizar” ou “despenalizar” o aborto clandestino, é uma questão de Direito Penal. Nunca fizemos disso uma prioridade na nossa defesa da vida, porque pensamos que as mulheres que passam por essa provação precisam mais de um tratamento social do que penal. Elas precisam de ser ajudadas e não condenadas; foi a atitude de Jesus perante a mulher surpreendida em adultério: “alguém te condenou?... Eu também não te condeno. Vai e doravante não tornes a pecar”.

Mas nem todas as mulheres que abortam estão nas mesmas circunstâncias e há outros intervenientes no aborto que merecem ser julgados. É que tirar a vida a um ser humano é, em si mesmo, criminoso.

4.^a O aborto não é um direito da mulher. Ninguém tem direito de decidir se um ser humano vive ou não vive, mesmo que seja a mãe que o acolheu no seu ventre. A mulher tem o direito de decidir se concebe ou não. Mas desde que uma vida foi gerada no seu seio, é outro ser humano, em relação ao qual tem particular obrigação de o proteger e defender.

5.^a O aborto não é uma questão política, mas de direitos fundamentais. O respeito pela vida é o principal fundamento da ética, e está profundamente impresso na nossa cultura. É função das leis promoverem a prática desse respeito pela vida. A lei sobre a qual os portugueses vão ser

consultados em referendo, a ser aprovada, significa a degenerescência da própria lei. Seria mais um caso em que aquilo que é legal não é moral.

3. Pedimos a todos os fiéis católicos e a quantos partilham connosco esta visão da vida, que se empenhem neste esclarecimento das consciências. Façam-no com serenidade, com respeito e com um grande amor à vida. E encorajamos as pessoas e instituições que já se dedicam generosamente às mães em dificuldade e às próprias crianças que conseguiram nascer.

Lisboa, 19 de Outubro de 2006

A batalha

das palavras

PEDRO VAZ PATTO

As “batalhas” do aborto parece que começam por questões semânticas, pelas palavras. Afinal, no referendo que se aproxima, está em discussão a *despenalização* e *descriminalização* do aborto, ou, antes, a sua *legalização* e *liberalização*?

Os partidários do *sim* preferem falar em *descriminalização*, ou mesmo em simples *despenalização*, e não em *legalização* ou *liberalização*. É provável que a pergunta a submeter a referendo venha a ser formulada desse modo. Mas não estará, antes, em causa a *legalização* e *liberalização* do aborto? Compreende-se a preferência dos partidários do *sim* pelas expressões

descriminalização e *despenalização*. Têm uma conotação mais moderada e menos radical, e poderão ir de encontro ao sentir de muitas pessoas que afirmam que «são contra o aborto, mas não querem que as mulheres sejam penalizadas». Estas pessoas poderão defender a *despenalização*, mas, porque «são contra o aborto», não aceitarão que o Estado passe a colaborar activamente na sua prática. Ora, no referendo não está em jogo apenas (e sobretudo) a *despenalização* ou *descriminalização* do aborto (esta poderia verificar-se sem que o aborto passasse a ser lícito, a ter cobertura legal e a ser realizado com a colabo-

ração activa do Estado), está em jogo a sua *legalização* e *liberalização*.

Se vencer o *sim*, o aborto realizado até às dez semanas de gravidez por vontade da mulher passará a ser lícito, passará a ter cobertura legal e passará a ser praticado com a colaboração activa do Estado (o Ministro da Saúde até tem lamentado o facto de, actualmente, se realizarem nos hospitais públicos abortos em número que considera reduzido). Daí que se deva falar em *legalização*.

E, no que se refere a tal período da gravidez, essa licitude não depende da verificação de qualquer pressuposto para além da simples vontade da mulher. Deixará de vigorar um regime de “indicações”, como se verifica no regime legal vigente, em que a licitude do aborto não depende da simples vontade da mulher, mas da verificação de alguma das seguintes situações: perigo para a vida da mulher, grave perigo para a saúde da mulher, malformação ou doença grave e incurável do nascituro ou gravidez resultante de violação. Não estaremos perante um alargamento a outro tipo de “indicações” (razões sócio-económicas, por exemplo, como se verifica na legislação italiana ou outras). Estaremos perante um regime de *aborto livre* ou *aborto a pedido*. Daí que se deva falar em *liberalização*.

Alguns exemplos poderão ajudar-nos a compreender estas distinções entre *descriminalização* (ou *despenalização*) e *legalização* (ou *liberalização*).

Nem todas as condutas ilícitas são crimes. A falta de pagamento de dívidas, por exemplo, não é crime, mas

não deixa de ser uma conduta ilícita. Os crimes são condutas ilícitas particularmente graves, porque atingem valores fundamentais e estruturantes da vida comunitária.

Há alguns anos, foi *descriminalizado* (e *despenalizado*) o consumo de droga. Mas isso não tornou o consumo de droga uma conduta lícita. O consumo de droga passou a ser considerado uma contra-ordenação, uma infracção menos grave do que um crime, sancionada com coima (e não com pena). O consumo de droga não passou a ser livre, a venda de droga não passou a ser livre, nem o Governo passou a fornecer droga a quem o queira. Isto porque o consumo de droga não foi *legalizado* ou *liberalizado*. Mas tal sucederá com o aborto até às dez semanas, se vencer o *sim*. O Estado passará a garantir a sua prática livre, e até em instituições públicas ou com o recurso a financiamento público.

Também foi *descriminalizada* a emissão de cheque sem provisão em determinadas circunstâncias (quanto aos chamados cheques “pré-datados” ou aos cheques de reduzido valor). Isso não significa que a emissão de cheque sem provisão nessas circunstâncias tenha passado a ser lícita (não foi *legalizada*). Não deixa de haver uma responsabilidade civil, uma obrigação de indemnização que recai sobre a pessoa que emite o cheque.

O exercício da prostituição também está *descriminalizado* e *despenalizado*. Mas esta actividade não tem actualmente entre nós (ao contrário do que se verifica na Holanda) cobertura le-

gal e a exploração da prostituição (o proxenetismo ou “lenocínio”) é *criminalizada*. Há, por isso, quem defenda a *legalização* dessa actividade entre nós, que é, assim, diferente da sua *descriminalização* e *despenalização*.

Outros esclarecimentos se impõem, ainda.

Parece que os partidários do *sim* preferem, agora, falar em *despenalização*, e não em *descriminalização*. E que a pergunta a submeter a referendo incluirá a primeira dessas expressões.

Compreende-se que assim seja, pelas razões atrás invocadas. A expressão é ainda mais suave, inegavelmente. Mas não é correcta (é, para este efeito, ainda menos correcta do que *descriminalização*).

Embora, normalmente, *descriminalização* e *despenalização* coincidam (como nos exemplos atrás referidos), porque ao crime corresponde, em princípio, uma pena, poderia verificar-se uma *despenalização* sem *descriminalização*. O Código Penal prevê, nalgumas situações, a dispensa de pena quando se verifica a prática de um crime. Na proposta de alteração do regime penal do aborto em tempos sugerida pelo Prof. Freitas do Amaral, o aborto continuaria a ser crime (uma conduta objectivamente censurável como tal definida pela Lei), mas estaria, em regra, excluída a culpa da mulher, por se verificar uma situação de “estado de necessidade desculpante”, o que afastaria a aplicação de qualquer pena. Mas não é nada disto que se verifica na proposta a submeter a referendo. De acordo com essa proposta, o aborto realizado,

por vontade da mulher grávida, nas primeiras dez semanas de gravidez e em estabelecimento legalmente autorizado, será *descriminalizado*.

Importa também esclarecer que não são necessárias a *descriminalização* e *despenalização* do aborto para evitar a prisão, e até o julgamento, das mulheres que abortam.

Quanto à prisão, esta é, no nosso sistema penal, um último recurso (não o primeiro, nem o principal). Não há notícia de mulheres condenadas por aborto em pena de prisão. Em relação a muitos outros crimes (injúrias, difamação, condução ilegal, condução em estado de embriaguez) está prevista a pena de prisão, mas esta não se aplica na prática, sobretudo quando se trata de uma primeira condenação. E mesmo o julgamento dessas mulheres pode ser evitado, através do recurso à suspensão provisória do processo.

No fundo, o essencial da questão a discutir no referendo não reside na realização de julgamentos das mulheres que abortam (estes podem ser evitados no actual quadro legal). E não reside sequer na *criminalização* ou *descriminalização* do aborto. Reside, antes, na sua *legalização* e *liberalização*. Reside em saber se o Estado deve facilitar e colaborar activamente na prática do aborto ou se, pelo contrário, deve colaborar activamente na criação de condições que favoreçam a maternidade e a paternidade, alternativas ao aborto que todos reconhecerão como mais saudáveis e mais portadoras de felicidade para a mulher, o homem e a criança.

ABORTO

Sensibilização e Aprofundamento

Augusto Lopes Cardoso

Apresentamos aqui alguns tópicos preparados pela Lena e Augusto Lopes Cardoso (ex-Supra-Regionais), para sensibilização sobre a temática do aborto, que ganha agora nova actualidade. Para os que queiram aprofundar o tema segundo o pensamento do mesmo autor, publicamos na Internet, no sítio das equipas (www.ens.pt) mais dois artigos seus, cuja leitura recomendamos vivamente:

- *SOBRE A INTERRUPTÃO VOLUNTÁRIA DA GRAVIDEZ* (breves tópicos no plano da ciência jurídica), e

- *UM ESTATUTO JURÍDICO PARA O EMBRIÃO?*

Para os que não têm acesso à Internet recomendamos em primeiro lugar que a entreatajuda funcione, dentro da equipa, no Sector ou na Região. O Secretariado estará também disponível para ajudar nos casos em que a entreatajuda não resolva (Avenida de Roma, 96, 4.º, esquerdo, 1700-352 Lisboa – Tel.: 21 842 93 40 – email: ens@ens.pt).

TÓPICOS PARA APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DO ABORTO

1. A Democracia, e com mais razão a que resulta da Constituição Portuguesa, assenta nos grandes princípios da dignidade da pessoa humana, da inviolabilidade da vida humana e da igualdade entre todos.

2. Ao contrário do que acontecia quando surgiram as legislações liberalizadoras do aborto (a que, mais tarde, se passou a chamar “interrupção voluntária da gravidez”), é hoje aquisição científica indiscutível que a vida humana (a vida do ser humano) tem início com a concepção.

3. Desde então e até à morte a vida humana tem uma identidade própria em cada ser.

4. E tem um percurso por fases, desde a intra-uterina até à velhice extrema,

cuja dignidade não pode ser variável consoante essas fases, sob pena de violação dos referidos princípios.

5. A relação solidária e afectiva entre mãe e filho, seja qual fôr a fase da vida do filho, faz parte da natureza humana, pelo que nada deve ser feito contra essa solidariedade natural, mesmo que sob a capa de direito da mulher ao próprio corpo, sabido que é, pela Ciência, que o embrião tem identidade própria desde o seu início.

6. Como inviolável que é, a vida humana é indisponível por outrem.

7. Isso com muito mais razão quando essa vida é indefesa (como acontece antes do parto, ou, após este, no recém-nascido ou na criança ou com

pessoa doente ou idosa), e quando não surgem conflitos entre dois direitos à vida.

8. Por isso, uma legislação que permita realizar o aborto por simples vontade da mãe (mulher grávida), seja nas primeiras dez semanas de gravidez, seja antes ou depois delas, é um grave atentado: à dignidade da vida humana, à inviolabilidade da vida humana, à igualdade entre todos os seres humanos, à protecção exigível dos mais fracos e à própria Ciência.

9. Nesse tipo de legislação, o filho é, de facto, considerado como um oposto à mãe, a ponto de esta poder dispor à sua vontade da vida dele, sem possibilidade de defesa do indefeso.

10. Fomenta-se, deste modo: um amolecimento das consciências; a apresentação de um crime injustificado como se se tratasse de um direito; uma “tolerância” mal entendida e intolerável; a ideia errada de que haverá fases no percurso humano que não merecem respeito ou até nas quais não haveria, contra o

saber científico, a mesma vida humana única e irrepetível.

11. legislação criminal não pode deixar de proteger os grandes valores, com relevo para o de que a vida humana é inviolável, pelo que, da mesma forma que é injustificável que ela não considere crime o aborto nas referidas circunstâncias, só pela aplicação da lei ao caso concreto e nas respectivas condicionantes é que quem pratica o aborto poderá ser penalizado ou não.

12. Perante a profunda consideração da matéria, não devemos ter dúvida em afirmar que a legislação que se pretende referendar é anti-científica, anti-democrática, reaccionária e contrária à evolução da Humanidade, por ser oposta à dignidade da pessoa humana e ao respeito pela vida - tal como ninguém duvidará que são assim qualificáveis outras legislações, de ontem ou de hoje, como as escravagistas, as discriminatórias das mulheres, as racistas, as eugénicas, as da pena de morte, as tortionárias etc.

ENCONTROS DE EQUIPAS NOVAS E DE FORMAÇÃO I (2006-2007)

· **Província Sul:**

**EEN – 30 Setembro a 1 Outubro 2006 – Turcifal (Região Lisboa);
Formação I – 30 Novembro a 3 Dezembro 2006 (ex-Região Sul).**

· **Província Norte e Centro:**

Formação I – 30 Novembro a 3 Dezembro 2006 (Província Norte e Centro).



NOTICIÁRIO

2006

NOVOS CASAIS NA ERI

A nova ERI, a quem foi passado o testemunho em Lourdes tem a seguinte constituição:

- Carla e Carlo Volpini (Itália)
- Casal Responsável Internacional.
- Tó e Zé Moura Soares (Portugal)
- Equipas Satélite.
- Maru e Paço Nemésio (Espanha)
- Zona Euráfrica.
- Sílvia e Chico Assis Pontes (Brasil)
- Zona Américas.
- Elaine e John Cogavin (Irlanda)
- Zona Eurásia.
- Genevieve e René Corn (França)
- Zona Centro Europa.

É grande alegria para a SR Portugal que a Tó e o Zé Moura Soares dela façam parte.

COLÉGIO 2006

Realizou-se de 12 a 15 de Setembro, em Lourdes a reunião do Colégio, onde foi realizado o Balanço de seis anos de actividade e a preparação dos próximos anos.

O próximo Colégio em 2007 será em New Castle, Reino Unido, pelo que será a nova Supra-Região Transatlântica a anfitriã.

O Colégio de 2008 será em Portugal (ainda sem data marcada) e já começou a ser preparado.

D. ANTÓNIO VITALINO CONNOSCO EM LOURDES

Foi com grande satisfação que no Encontro Internacional de Lourdes tivemos o privilégio de contar com a presença sempre simpática e bem disposta de D. António Vitalino, Bispo de Beja e Conselheiro Espiritual das ENS.

REUNIÃO DA SUPRA-REGIÃO (OUTUBRO)

Realizou-se de 27 a 29 de Outubro de 2006, em Fátima, a reunião da Equipa da Supra-Região (SR) cujos temas fortes foram o Encontro Internacional, o Encontro Nacional de Responsáveis e a preparação dos 60 anos da Carta. A próxima será também em Fátima de 12 a 14 de Janeiro de 2007.

1.º ENCONTRO NACIONAL DE FORMADORES

Realizar-se-á em 13 de Janeiro de 2007, durante a reunião da Supra-Região, em simultâneo com as reuniões das Províncias, o 1.º Encontro Nacional de Formadores das ENS, tendo como objectivo consolidar, uniformizar e planear toda a formação que o Movimento realiza.

SESSÃO DE FORMAÇÃO II

Irá realizar-se de 30 Novembro a 3 Dezembro de 2006, em Fátima, a Sessão de Formação II que será da responsabilidade da Província Norte e Centro e aberta a casais de todo o país. Foram enviadas cartas convite para cerca de 300 casais.

ESTABELECIDOS CONTACTOS COM CABO-VERDE E S.TOMÉ E PRÍNCIPE

Tendo como objectivo (re)lançar as ENS nestes países houve contactos pessoais e escritos com os Srs Bispos D. Arlindo Furtado e D. Abílio Ribas e foram também estabelecidos contactos com o Sr Padre Ildo Fortes (Cabo Verde), Sr. Padre João Nazaré (S. Tomé) e Sr. Padre Manuel Arias Madariaga (Príncipe) e enviada documentação de suporte para um arranque de 2 equipas em cada um destes lugares. Para facilitar a comunicação decidiu a Supra-Região Portugal suportar os custos da Internet.

4 REGIÕES COM NOVOS CACSAIS RESPONSÁVEIS

Na Celebração Eucarística de encerramento do Encontro Nacional de Responsáveis, em 25 de Fevereiro de 2007, irão passar formalmente a responsabilidade das suas Regiões os seguintes casais:

Açores: Luísa e Rui Meireles para Valentina e António Nascimento.
Centro Interior: Graziela e José David para Hélia e Rui Rocha Pinto.

Lisboa: Gabi e Joaquim Villasboas para Rita e Pedro Cabral.
Ribatejo-Oeste: Milú e Luís Henriques para Maria José e António Rocha.

Aos oito casais o Movimento agradece a disponibilidade e a entrega ao seu serviço.

AS EQUIPAS DO GRUPO DA FAMÍLIA DO CNMO

As equipas tentam ser activas na sua participação no Grupo da Família (CNMO). A maquete para o folheto de apresentação dos Movimentos da Pastoral Familiar, que foi uma iniciativa das ENS, já foi elaborada pela equipista Inês Fernandes e apresentada na última reunião de Outubro, bem como ao Sr. Bispo D. António Carrilho. Estão-se agora a desenvolver contactos para identificar os Movimentos interessados em trabalhar em conjunto e dar-se a conhecer por esta via a todas as paróquias de Portugal.

AS EQUIPAS ESTÃO PRESENTES NO CNMO

Realizou-se no passado Mês de Outubro, dia 14, na Casa de Santa Zita em Lisboa, mais uma Assembleia Anual do Conselho Nacional de Movimentos e Obras (CNMO), que congrega os delegados dos Movimentos Laicais que compõem este Conselho, onde as ENS marcaram presença activa.

XVIII JORNADAS NACIONAIS DA PASTORAL FAMILIAR

Realizaram-se de 20 a 22 de Outubro em Fátima, as XVIII Jornadas Nacionais da Pastoral Familiar com a presença do Sr. Bispo D. António Carrilho e sob o tema “A Transmissão da Fé na Família”. Estiveram presentes 350 participantes provenientes das Dioceses do país e dos Movimentos que desenvolvem uma acção particular na área da Família. As ENS estiveram representadas pelo casal Supra-Regional e por muitos outros casais do Movimento em representação de muitos outros movimentos e serviços paroquiais ou diocesanos de Pastoral. Um bom sinal.

LOURDES 2006 NA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Saiu um artigo na Voz da Verdade (Diocese de Lisboa) do Domingo 1 de Outubro de 2006, sobre o Encontro Internacional de Lourdes.

Na Voz Portucalense, Semanário da Diocese do Porto, de 13 de Setembro de 2006 saiu também um artigo sobre o Encontro.

No Jornal de Notícias de 27 de Agosto de 2006 saiu um artigo sobre o Padre Caffarel que referia a introdução da causa de canonização.

Na Rádio Renascença houve duas emissões sobre o encontro: uma antes da sua realização, com base nu-

ma entrevista em estúdio à Ana e Vasco, e outra ainda durante a realização do encontro, mas gravada por telemóvel no dia 20.

Participação da Teresa e do José Manuel Ramos, Responsáveis da Região Porto no Programa Praça da Alegria na RTP 1, no dia 11 de Setembro de 2006.

EDIÇÃO DO CARTAZ DAS EQUIPAS

Já se encontra disponível o novo cartaz das ENS para divulgação do Movimento. Quem o desejar poderá solicitá-lo ao Secretariado.

REVISÃO DE DOCUMENTOS E NOVO GRAFISMO

Já estão em fase de publicação os documentos: Manual do Padre, Conselheiro espiritual, Manual do casal Informador e O Dever-de-se-Sentar.



As EJNS fazem 30 anos e vamos celebrar esta importante data num grande almoço comemorativo dia 9 de Dezembro em Almeirim, onde queremos juntar antigos e novos equipistas!

Se já foi das EJNS inscreva-se!
Inscrições: encontros@ejns.net

Da Igreja



BENTO XVI EM FÁTIMA

Dom António Marto, Bispo de Leiria-Fátima, pretende convidar Bento XVI a visitar o Santuário de Fátima em Outubro de 2007 para o encerramento das celebrações dos 90 anos das Aparições de Nossa Senhora aos Pastorinhos. Se o Papa aceitar o convite, poderá presidir à inauguração da Igreja da Santíssima Trindade, no dia 13 de Outubro.

DECLARAÇÕES DE D. JOSÉ POLICARPO

Perante a proposta para um novo referendo à despenalização do aborto a ser apresentada no Parlamento português pelo Partido Socialista no dia 19 de Outubro, D. José Policarpo, cardeal-patriarca de Lisboa, afirmou aos jornalistas que o aborto “não é uma questão puramente eclesial, mas de ética fundamental, de direitos humanos”, acrescentando “Gostariamos muito que fossem os leigos, os pais e mães de família, os médicos, os homens de ciência a liderar a campanha pelo não”.

Lamentou que a discussão esteja condicionada por algumas confusões, como a de limitar a questão a um

problema religioso ou um direito da mulher.

Ao afirmar que «a doutrina da Igreja sobre o respeito pela vida não mudou nem mudará», Dom José Policarpo espera que a campanha seja um tempo para «grande esclarecimento das consciências».

Questionou ainda como é que o Estado «consegue fixar o momento em que um indivíduo é cidadão com direitos». «Porquê as 10 semanas, as 18, as 16?», perguntou.

Referiu ainda que o «drama do aborto clandestino» continua a preocupar a Igreja. Mas «não se pode resolver um problema criando outro».

APROVADOS NOVOS ESTATUTOS DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Foram aprovados, pela Congregação para o Clero, no dia 13 de Setembro passado, os novos estatutos do Santuário de Fátima que passa a assumir um carácter nacional.

Será dirigido por um Conselho Nacional constituído pelo presidente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), os três bispos metropolitanos do país (arcebispo primaz de Braga, arcebispo de Évora e patriarca de

Lisboa), o Bispo de Leiria-Fátima e o Reitor do Santuário.

Foram também estabelecidos dois órgãos de gestão: um Conselho de pastoral e uma Comissão de gestão económico-financeira, onde estará incluído um representante da CEP.

DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELA VIDA E CONGRESSO «MARIA, A VÓS CONFIAMOS A CAUSA DA VIDA»

O Apostolado Mundial de Fátima promoveu, no dia 8 de Outubro, mais um Dia Mundial de Oração pela Vida Humana. Nesta ocasião, todos os católicos foram chamados a rezar o terço, e todas as outras religiões foram convidadas a orar de acordo com a sua fé durante vinte minutos, numa corrente mundial de oração. Em conjugação com esta iniciativa, realizou-se em Fátima, de 4 a 8 de Outubro, o Congresso «Maria, a Vós confiamos a Causa da Vida», organizado pelo Apostolado Mundial de Fátima, Human Life International, Helpers of God's Precious Infants (fundado pelo Mons. Philip J. Reilly), Europäische Arzteaktion (Médicos Europeus). O evento contou com o apoio do Conselho Pontifício para a Família.

BRUXELAS PREPARA O CONGRESSO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Depois de Viena (2003), Paris (2004), Lisboa (2005); realizar-se-à em Bruxelas, de 28 de Outubro a 5 de Novembro, o Congresso da Nova Evan-

gelização com o lema «Propondo o Evangelho».

O Cardeal Godfried Danneels, arcebispo de Malinas-Bruxelas, ao convocar esta iniciativa convida os cristãos «a reflectirem mais a fundo na sua identidade e nas suas responsabilidades para com esta indispensável humanização de Bruxelas: a fé cristã torna os homens mais humanos e humaniza a cidade. Esta reflexão interpela todos os bruxelenses, sejam crentes ou não».

O Congresso desenrolar-se-á durante a semana de Todos os Santos e reunirá milhares de participantes para viver a mensagem do Evangelho de João: «Vinde e vede...». São esperados cerca de 100.000 participantes, 50 cardeais, e 1.500 visitantes provenientes sobretudo da França, Portugal, Holanda, Áustria, Alemanha e Hungria, que serão hospedados por famílias bruxelenses.

BENTO XVI CONVOCA SÍNODO SOBRE «A PALAVRA DA VIDA»

Bento XVI convocou o primeiro Sínodo do seu pontificado que reunirá, os Bispos católicos do mundo inteiro, no Vaticano, de 5 a 26 de Outubro de 2008, com o tema «A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja». Será a décima segunda. Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos. O anúncio confirma a novidade introduzida por este Papa no sínodo sobre a Eucaristia de fazer que dure uma semana menos que os sínodos anteriores. Bento XVI introduziu também a modalidade de intervenções livres durante a Assembleia.

Sínodos

O Sínodo dos Bispos é uma instituição permanente, criada pelo Papa Paulo VI em 15 de Setembro de 1965, em resposta aos desejos dos Padres do Concílio Vaticano II que desejavam manter vivo o espírito nascido da experiência conciliar.

Etimologicamente a palavra “sínodo”, deriva dos termos gregos “syn” (que significa “juntos”) e “hodos” (que significa “caminho”), ou seja, expressa a ideia de “caminhar juntos”».

A Secretaria Geral do Sínodo explica que «Um sínodo é um encontro religioso ou assembleia na qual uns bispos, reunidos com o Santo Padre, têm a oportunidade de trocar mutuamente informação e partilhar experiências, com o objectivo comum de procurar soluções pastorais que sejam validas e de aplicação universal».

O cânon 344 do Código de Direito Canónico determina que «O Sínodo dos Bispos está submetido directamente à autoridade do Papa, a quem corresponde:

- Convocar o Sínodo, quantas vezes lhe pareça oportuno, e determinar o lugar no qual devem ser celebradas as reuniões;
- Ratificar a eleição daqueles membros que hão-de ser eleitos segundo



a norma do direito peculiar, e designar e nomear os demais membros;

- Determinar com a antecedência oportuna à celebração do Sínodo, segundo o direito peculiar, os temas que devem ser tratados nele;
- Estabelecer a ordem do dia;
- Presidir o Sínodo pessoalmente ou por meio de outros;
- Encerrar o Sínodo, trasladá-lo, suspendê-lo ou dissolvê-lo».

O cânon 346 - § 1. estabelece que «integram o Sínodo dos bispos, quando se reúne em assembleia geral ordinária, membros que são, na sua maior parte, bispos, alguns eleitos para cada assembleia pelas Conferências Episcopais, segundo o modo determinado pelo direito peculiar do Sínodo; outros são designados pelo mesmo direito; outros, nomeados directamente pelo Romano Pontífice; a eles se acrescentam alguns membros de institutos clericais eleitos conforme a norma do mesmo direito peculiar».





*Sites
e
contactos relacionados
com a
Família*

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FAMÍLIAS NUMEROSAS - www.apfn.com.pt/

A Associação Portuguesa de Famílias Numerosas (APFN) é de âmbito nacional e existe para defesa dos direitos naturais, próprios e legítimos das famílias numerosas (com três ou mais filhos).

Email: apfn@geocities.com

CENTRO DE ORIENTAÇÃO FAMILIAR - www.cenofa.org/

Instituição sem fins lucrativos, que tem por finalidade o estudo e promoção das ciências da educação e da orientação familiar, numa perspectiva humana e personalista.

Travessa do Possolo, 11, 3.º - 1350 Lisboa — Tel. 21 397 9680 — Fax: 21 397 9681.

Email: cenofa@mail.telepac.pt

ASSOCIAÇÃO FAMÍLIA E SOCIEDADE - www.familiaesociedade.org/

Associação sem fins lucrativos, que tem por objecto a persecução de acções humanitárias, científicas e educacionais de apoio às famílias, bem como o desenvolvimento do combate contra a discriminação entre sexos e a luta pelos direitos das mulheres.

Rua Viriato, 23, 6.º, direito - 1050-234 Lisboa — Tel.: 21 313 8350.

Email: info@familiaesociedade.org

MOVIMENTO DE PAIS - www.move.com.pt/

Um grupo de pais, que ficaram chocados pela forma como a educação sexual nas escolas tem vindo a ser ministrada, sem seu conhecimento nem consentimento.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE FAMÍLIA - www.cnaf-familia.org

A CNAF, é uma organização social, aberta à filiação de pessoas singulares e colectivas que queiram empenhar-se na defesa activa dos valores, interesses, direitos e aspirações das famílias portuguesas, quer junto do Estado quer na sociedade, como parceiro social.

Rua São Marçal, 77-79, 1200 - 419 Lisboa — Tel.: 21 324 21 60 – Fax: 21 346 05 54.

ESCOLA DE PAIS - www.escoladepais.pt/origem.htm

Movimento particular, voluntário, sem cor política ou religiosa, de interesse público que procura, por meio de debates informais, ajudar os pais a entenderem melhor as actuais transformações e mudanças constantes da vida moderna, mostrando que há uma série de verdades eternas a justificar a confiança num futuro cada vez melhor.

Avenida Fernão Magalhães, 1060, loja 16 - 4350-155 Porto — Fax - 229 385 203.

Email: cef.lida@sapo.pt

MOVIMENTO DEFESA DA VIDA - www.mdvida.pt/

O Movimento de Defesa da Vida (MDV), é uma Instituição de Solidariedade Social sem fins lucrativos, aconfessional e apolítica, fundada em 1977, que defende e promove a vida em todas as circunstâncias. Actua na luta pelos Direitos dos Homens, na Promoção da Mulher, na Afirmação dos Valores Éticos Fundamentais, a procura de mais qualidade de vida e o apoio a pessoas, casais e famílias em angústia.

Rua da Beneficência, 7 - 1050-034 Lisboa — Tel. 21 799 45 30 — Fax: 21 799 45 31.

Email: direccao@mdvida.pt

FÓRUM DA FAMÍLIA - www.forumdafamilia.com

Reúne vários temas relacionados com a família: educação, medicina, formação, legislação, informações, reflexões...

Email: info@forumdafamilia.com

FÓRUM PARA A LIBERDADE DE EDUCAÇÃO - www.liberdade-educacao.org/

O Fórum para a Liberdade de Educação nasceu da junção de esforços de um leque diversificado de cidadãos preocupados com a situação da educação e

do ensino em Portugal e que partilham o diagnóstico de que as deficiências mais graves resultam primordialmente da ausência de uma efectiva liberdade de aprender e ensinar.

Rua Dr. José Joaquim d' Almeida, 819 - 2775-595 Carcavelos
Tel.: 914290109 — Fax: 210045852.

Email: info@liberdade-educacao.org

PROTEGER A VIDA SEM JULGAR A MULHER - www.protegersemjulgar.com/

Iniciativa legislativa de Cidadãos que pretendem conciliar a censura do aborto enquanto atentado à vida humana com uma atitude solidária para com as mulheres.

Apartado 1080, 4100 - 998 PORTO.

JUNTOS PELA VIDA - www.juntospelavida.org

Nos “Juntos Pela Vida” encontram-se pessoas unidas pelo desejo de proteger a vida humana em todas as circunstâncias. A defesa da vida impõe-se à razão pelo seu próprio valor, independentemente de qualquer convicção professada (religiosa, política, ou outra).

Rua Luís de Camões 16, 2975-123 LINDA-A-VELHA.

Email: jpvida@geocities.com



LISTA DE CORRESPONDENTES REGIONAIS

NORTE	<i>Beatriz e Albino Sousa</i>
PORTO	<i>Eunice e Luís Vouga</i>
DOURO SUL	<i>Acácia e Zé Coelho</i>
CENTRO INTERIOR	<i>Graziela e Zé David</i>
CENTRO LITORAL	<i>Eduarda e Álvaro Gouveia e Melo</i>
RIBATEJO E OESTE	<i>Milú e Luís Henriques</i>
LISBOA	<i>Gabi e Joaquim Villas-Boas</i>
SINTRA	<i>Paula e Toni Pimentel</i>
CASCAIS-OEIRAS	<i>Paula e Toni Pimentel</i>
TEJO SUL	<i>Paula e Toni Pimentel</i>
ALGARVE	<i>Paula e Toni Pimentel</i>
AÇORES	<i>Luísa e Rui Meireles</i>
MADEIRA	<i>Ângela e Zé Manuel Alves</i>

Outubro 2006

Movimentos ao serviço da família

Durante o Encontro com as famílias realizado em Valência, em Julho de 2006, com a participação de seis mil pessoas, realizou-se uma mesa-redonda sob o tema “*Movimentos ao serviço da família*” presidida pelo cardeal Franc Rodè, Perfeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, em que expoentes de vários movimentos eclesiais sublinharam a necessidade que a família tem de ajuda e em que apresentaram propostas concretas.

Juliáns Carrón, presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação disse «cada vez é mais evidente que não se pode dar por suposta a maturidade de quem chega ao matrimónio» e sublinhou que a «actual crise da família é consequência da crise antropológica na qual nos encontramos». Indicou que a relação matrimonial depende da concepção que se tem do ser humano e que «a falta de consciência do destino do homem leva a apoiar a relação num engano».

Luís Fernando Figari, fundador do *Sodalitium Christianae Vitae*, cujo objectivo é a promoção da família, disse que a família precisa não só de con-



teúdo teórico, mas um programa prático, um itinerário que resumiu em cinco pontos: santidade pessoal; integração como casal; amor formativo aos filhos; consagração na fidelidade; todos os baptizados são membros de uma grande família, a Igreja, e estão chamados a amá-la e sentir com ela desde um lar que quer ser cenário de amor.

José Gabaldón, presidente do Foro Espanhol da Família, apresentou esta associação civil que tem «como objectivo a promoção e a ajuda à pessoa e à família e facilitar a comunicação e o encontro entre entidades e pessoas que promovam e defendam os valores fundamentais da pessoa e da família».

Francisco e Geraldine Padilla, de «*Couples for Christ*», das Filipinas, apresentaram a sua experiência nesta associação que começou no

país asiático em 1981 e conta hoje com um milhão de membros activos em 153 países. Trata-se de uma comunidade evangelizadora e missio-

nária que tem como objectivo ser «famílias no Espírito Santo para ser instrumentos de Deus na renovação da face da terra».



Gerard e Marie-Christine de Roberty, responsáveis internacionais das Equipas de Nossa Senhora, apresentaram o Movimento, composto por 60.000 casais cristãos de 71 países. Dizendo que «as equipas são escolas de comunhão, companhias no caminho, nas quais se aprende a viver na verdade e no amor que

Cristo nos comunicou por meio do testemunho dos apóstolos, no seio da grande família dos discípulos».

O casal Roberty disse que «dado que um casal cristão isolado é um casal em perigo, necessita uma equipa de casais para progredir, para ajudá-lo a construir e a crescer no amor ao outro e a Deus. A partilha da vida espiritual dos casais é o momento privilegiado de transmissão aos outros da sua fé confrontada com as realidades quotidianas na diversidade de compromissos e situações da vida de cada um».

REDE DE CASAIS DE LIGAÇÃO ÀS DIOCESES (2005-2006)

Casais		Ligação à DIOCESE
Fernanda e António Felgueiras	Resp. da Região Norte	Braga
Donzília e Felisberto Eira	Resp. da Província Norte e Centro	Viana
Albertina e José Manuel Santos	Resp. do Sector Lamego	Lamego
Maria Lúcia e Jaime Mendes	Resp. do Sector Chaves	Vila Real
Donzília e Felisberto Eira	Resp. da Província Norte e Centro	Bragança
Teresa e José Manuel Ramos	Resp. da Região Porto	Porto
Graziela e José David	Resp. da Região Centro Interior	Guarda
Maria Alcina e Eduardo Caramelo	Casal da Equipa Fundão 3	Portalegre
MariaConceição e Duarte Matias	Resp. da Região Centro Litoral	Aveiro
Elsa e Daniel Alves Carvalho	Resp. do Sector Coimbra C	Coimbra
Pureza e Joaquim Almeida	Resp. do Sector Viseu	Viseu
Ana Isabel e Luciano Costa	Resp. do Sector Leiria A	Leiria
Luísa e Rui Meireles	Resp. da Região Açores	Angra
Maria Luísa e Licínio Dinis	Casal da Equipa Santarém 7	Santarém
Gabi e Joaquim Villas-Boas	Resp. da Região Lisboa	Lisboa
Alice e António Severino	Resp. do Sector Setúbal	Setúbal
Teresa e Carlos Santos	Resp. da Região Tejo Sul	Évora
Rita e Gastão Cunha Ferreira	Resp. da Província Sul	Beja
Teresa e José Manuel Anastácio	Resp. da Região Algarve	Faro
Teresa e Gil Moniz	ex-Resp. I da Região Madeira	Funchal
Ana e Vasco Varela	Resp. Supra-Regional	Conf. Episcopal

Outubro de 2005

As formas de oração e a oração da Margarida

EMÍLIA E JOSÉ FERNANDO RODRIGUES ALVES PINTO (*)
CASAL RESPONSÁVEL DO SECTOR DE GUIMARÃES

Todos os dias, de manhãzinha, indiferente à chuva, ao frio e ao calor, aquela criança descia apressada a ladeira do Largo do Carmo, determinada mas ofegante, vergada ao peso da enorme sacola que transportava. Vinha do Cano, que fica para lá do Castelo e dirigia-se à Escola Preparatória João de Meira. Andava no 5.º ano.

Invariavelmente, na sua caminhada, a Margarida (assim se chamava a menina), parava uns segundos perto dos Passos que ficam ao lado da Igreja do Carmo. Benzia-se, balbuciava qualquer coisa que ninguém conseguia perceber e prosseguia a sua caminhada. Uns dias, fazia o percurso sozinha; outros dias, não muitos, beneficiava da companhia alegre de alguns amigos.

Intrigava-me o comportamento daquela menina que não teria mais de dez anos. Admirava-me e intrigava-me. Não atravessava o Passo sem parar, sem se benzer e sem rezar. Sempre. Seria normal?!...

Um dia, não contive a minha curiosidade e, mais arrojado, dirigi-me à menina. Conversamos:

- Como te chamas?
- Margarida. – respondeu.
- Andas na escola, já vejo, levas uma sacola pesada... – continuei.
- Ando, sim, ando no 5.º ano. Tenho dez anos. Fiz a semana passada, no Sábado. – disse a Margarida.
- E os estudos? Vão como tu queres?
- perguntei.
- Assim, assim. Só não me entendo muito bem com o Inglês. Eu bem me esforço, mas... – ripostou a jovem.
- Vejo que paras aqui nos Passos, todos os dias. Bonito. Gostas disto? É um hábito? – questionei com audácia.
- É verdade. Tenho uma oração que fiz no 3.º ano, quando os meus pais andavam de candeias às avessas, e que rezo todos os dias, aqui, junto a Jesus Cristo. – disse a Margarida, com uma voz suave e fresca.
- E que pedes na oração, Margarida?
- perguntei, vergado à ternura da menina.
- Peço paz em minha casa... Peço para que o meu pai e a minha mãe não voltem a beber e a andar à pan-

(*) Texto apresentado no Encontro Regional do Norte das Equipas de Nossa Senhora, em Famalicão, aos 20 de Maio de 2006 e lido por Maria Fernanda e António Óscar Rodrigues.

cada, como o fizeram passado. Não imagina... Assistia àquilo e não podia fazer nada!... Ficava muito triste... Só chorava... Chorávamos todos!... Primeiro eu, depois a minha mãe, até que acabávamos todos a chorar!... Tudo por falta de amor!... Quer saber o que é que eu rezo? – questionou.

- Se tiveres confiança em mim – respondi.

- Não, não tem mal, eu digo-lhe, até pode ser que o senhor goste:

Menino Jesus, Senhor,
Que me estás a escutar,
Eu Te peço, por favor,
Que ilumines de amor
O meu pequenino lar.

- É bonita? – perguntou ao mesmo tempo que pulou dois degraus e, sem esperar resposta, rumou à escola, veloz, como uma seta, para cumprir a sua jornada.

Aquela é a oração da Margarida. Bela. Enorme no seu conteúdo e no seu valor. Uma oração humilde, adornada de fé, perfumada pela simplicidade da menina, dirigida a Jesus Cristo, à Trindade Santíssima, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. É uma **oração privada**, porque está no segredo da Margarida, porque é a forma particular de a menina se aproximar de Deus, de falar com o Senhor.

Diremos agora, com mais propriedade, que foi uma oração exclusivamente privada até àquele dia. Com efeito, desde então, nós, um, mais outro, mais outro, outro ainda, com a

Margarida e com alguns dos seus colegas, recitamos todos juntos, no nosso crescente grupinho, numa **oração de concordância**, a pequenina grande prece que a menina criou. Unidos no sentimento, na fé e na esperança. Crentes na bondade e na misericórdia de Deus Pai. É uma das nossas orações diárias. Do grupo. Uma oração muito querida. Que elevamos a Deus, em comunhão, juntos, ao pé do Passo ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Guimarães.

Permitam-nos que subamos mais um degrau. Vejamos: se todos nós, Corpo de Deus que ler este texto, estivermos sensibilizados ao pedido da Margarida, ao seu coração magnânimo, àquela oração simples mas pura, humilde mas profunda, e se, unidos, quisermos levantar a nossa voz a Deus e tomar como nosso o pedido da menina, então estamos em presença de uma **oração colectiva**. Que é partilhada por uma comunidade alargada.

Vamos juntar-nos à Margarida, reforçando a sua oração privada, alargando a oração de concordância que o grupo de amigos com ela ergue ao Senhor, e afirmando, agora numa oração colectiva, o nosso apego à família, ao amor e a Deus? Vamos a isso? Todos?

Menino Jesus, Senhor,
Que me estás a escutar,
Eu Te peço, por favor,
Que ilumines de amor
Nosso pequenino lar.

Guimarães, 19 de Maio de 2006.

Encontro Mariano

MARIA ACÁCIA E JOSÉ COELHO

CASAL CORRESPONDENTE DA REGIÃO DOURO SUL



Em 12 de Maio do corrente ano, sob o lema “Servir com alegria”, houve festa na Região Douro Sul.

Os casais das ENS dos vários sectores da nossa região — Esmoriz, Feira, Gaia e Vouga — dirigiram-se para o Seminário de Valadares (dos Missionários da Boa Nova), em Gaia, onde foram acolhidos e encaminhados para o auditório. Aí decorreu a 1.^a parte dos trabalhos, com as intervenções dos casais Supra-Regional, Ana e Vasco Varela, e do casal Regional, Sónia a e Manuel Martins, viradas para o lema do encontro, salientando-se a missão permanente de serviço dos casais e a tarefa temporária das responsabilidades no Movimento.

Após um curto intervalo, celebrou-se a Eucaristia, na Capela do Seminário, presidida pelo conselheiro espiritual da região, Padre José Manuel.

Depois do jantar, servido nas instalações do Seminário, seguiu-se a Celebração Mariana, com a recitação do terço, tendo cada mistério sido atribuído aos sectores e à equipa da região. Os mistérios foram

acompanhados de quadros alusivos à “Anunciação do Anjo a Nossa Senhora”; à “Visitação”, ao “Nascimento de Jesus”, à “Maria, junto à Cruz” e a “Maria, modelo de comunidade pascal”. Foi uma celebração rica, com cânticos belamente entoados pelo coro (constituído por três pessoas!) e pela assembleia bem vivenciada por todos os presentes.

Após a recitação de cada dezena, os casais presentes de cada sector e a equipa da região fizeram publicamente o compromisso de contribuir para transformar “as equipas em equipas vivas, alegres e fraternas, onde a escuta da Palavra de Deus, a caridade generosa e fecunda sejam uma realidade”.

No final desta celebração, com Maria e João (o discípulo amado), no meio da assembleia., irradiaram para todos os cantos da capela, e sobre os presentes, fitas de várias cores. Foi um gesto bem conseguido e bonito, simbolizando a protecção de Maria a todos os equipistas.

Antes das palavras de despedida, o casal responsável supra-regional, Ana e Vasco Varela, fizeram também o seu compromisso, imbuído do mesmo sentimento, associando-se, assim, a todos os presentes. Prosseguiram, referindo que, como casal de ligação a todo o Movimento, saíam mais ricos com o testemunho

recebido, com os olhares e presenças de todos, terminando com os agradecimentos e louvando ao Senhor “Te damos graças, Senhor, pela bênçãos conseguidas”.

Após os agradecimentos feitos pelo casal regional, Sónia e Manuel Martins, e da satisfação manifestada pelo conselheiro espiritual da região, Padre José Manuel, que enviou saudações para todos os conselheiros espirituais da região, todos partiram felizes, sentindo-se mais ricos e cheios de bênçãos do Pai e da presença de Maria em seus corações.

8 de Junho de 2006.

TENHA SEMPRE À MÃO ESTES TELEFONES DE EMERGÊNCIA!

Os Telefones de Emergência podem ser marcados directamente!

Não precisa da assistência de um operador.

Todas as linhas estão abertas 24 horas por dia!

- * Se sentir a falta de união - chame Romanos 12
- * Se estiver desanimado com o seu trabalho - chame Salmo 126 (125)
- * Se as pessoas lhe parecerem ingratas - chame João 13
- * Se se sentir desprezado - chame Salmo 27
- * Se o mundo lhe parecer demasiado pequeno - chame Salmo 19 (18)
- * Se precisar de ser mais activo na sociedade - chame João 15
- * Se a sua carteira estiver a esvaziar-se - chame Salmo 37 (36)
- * Quando Deus lhe parecer distante - chame Salmo 139 (138)
- * Quando mergulhar na tristeza e na perturbação - chame João 14
- * Quando perder a confiança nas pessoas - chame Salmo 27 (26)
- * Quando o mundo lhe parecer maior do que Deus - chame Salmo 90 (89)
- * Quando estiver em perigo e sem protecção - chame Salmo 91 (90)
- * Quando experimentar a solidão e o medo - chame Salmo 23 (22)
- * Quando se sentir deprimido e abandonado - chame Romanos 8,31-39
- * Quando experimentar a amargura e a crítica - chame 1 Coríntios 13
- * Quando lhe pesar a consciência do pecado - chame Salmo 51 (50)
- * Quando sair de casa para trabalhar ou viajar - chame Salmo 121 (120)
- * Quando pensa no retorno dos investimentos - chame Marcos 10
- * Quando precisar da segurança e garantia de Cristo - chame Romanos 8,1-30
- * Quando precisar de coragem para uma tarefa - chame Josué 1
- * Quando precisar de paz e descanso - chame Mateus 11,25-30
- * Quando estiver preocupado com a vida - chame Mateus 6,19-34
- * Quando a sua fé precisar de ser exercitada - chame Hebreus 11
- * Quando as suas orações se tornarem egoístas - chame Salmo 67 (66).

(Autor desconhecido – enviado por email)

Encontro de Equipas Novas

27 e 28 de Maio de 2006

COMPROMISSO E FIM-DE-SEMANA

ANA MARIA E RODRIGO SOUSA PINTO
PAREDE 17



Naquele fim-de-semana, tudo era diferente:

Nada de correr atrás de crianças,
Nada de ficar na ficar na doce preguiça de um sábado de manhã,
Nada de andar de piscina para ginásio, de ginásio para catequese, de catequese para baloiços...

Era tempo de estarmos em casal, em equipa e com novas ENS de Queijas, Fernão Ferro, Queluz, Parede...

As apresentações foram diferentes entre si, cada casal responsável com sua característica muito própria, o Padre Hugo, eloquente, encantador, inspirado. Para alguns de nós que

puderam privar com ele pela confissão, julgo que terá sido marcante...

As reuniões mistas foram um sucesso, ultrapassadas as primeiras barreiras da timidez, o diálogo e a troca de experiências foi muito enriquecedora. Todos os casais revelaram dificuldades nos vários pontos de esforço...

Naturalmente, o Compromisso de cada um dos casais, de todas as equipas, foi um momento solene e de oração em casal e em comunidade... queira Deus que nos sintamos tão unidos em casal, em equipa e por Cristo, com Cristo e em Cristo como naquele momento.

Com o auxílio de Nossa Senhora, iremos longe nesta caminhada. Sabemos que tempos bons e maus virão, que cada casal que ali estava conosco tem uma longa caminhada a fazer

e dá agora os primeiros passos nas ENS. Com o poder da oração e o amor de Deus por cada um de nós e por cada casal, VINDE E VEDE como é bom...

Testemunho

CÉU E NUNO MARTINS
QUEIJAS 3, SECTOR CASCAIS-OEIRAS

Após um ano de pilotagem, o tão aguardado fim-de-semana do compromisso chegou. O local estava definido: Centro de Espiritualidade do Turcifal. O programa estava elaborado, só faltava o essencial: todos aqueles que decidiram abraçar um movimento que tem a Nossa Senhora como estandarde, todos aqueles cheios de dúvidas e hesitações em dar um passo tão grande que é um compromisso de vida, decidirem-se e darem esses passos.

Na nossa equipa, e nós em particular não fomos excepção. Um compromisso deve ser feito de corpo e alma e foi isso que fizemos, entregamos todas as nossas dúvidas e hesitações a Maria que nos encaminhou. A experiência é sem dúvida única, a partilha com outros casais foi-nos tranquilizando e trazendo uma paz que só Ela sabe dar, nós não estamos sós, não somos os únicos.

O sábado começou com a recepção dos casais por equipa seguido de ensinamentos e grupos de partilha ao longo do dia, é bom saber que há mais casais que partilham das mes-

mas ideias e que não têm receio de professar uma fé forte, pura e sã. A alma alimenta-se e o corpo também, pelo que o almoço e jantar não faltaram.

Domingo chega rapidamente e o compromisso também. Sem dúvida nenhuma Maria esteve presente pois Ela queria ouvir-nos dizer que nos entregamos a Ela, e Ela como mãe nos acolheu nos seus braços, acolheu-nos e acarinhou-nos. Tudo correu perfeitamente e para não ser diferente do resto do fim de semana, rapidamente tínhamos o compromisso feito e a missa estava terminada. Um gosto ficou de baixo da língua, sabia a pouco, queremos mais. Mais partilha, mais ensinamentos, mais alimento para este casal que agora começou a dar os seus primeiros passos, sem pilotagem, em conjunto com os outros casais da nossa equipa. Bem haja às Equipas de Nossa Senhora pela forma como fortificam um casal e por todas as bençãos que dele vêm. E que Nossa Senhora continue a velar por todos os casais do mundo.

Formação

Fátima

Abril 2006

MIQUELINA E ANTÓNIO
BENGUELA 5

Foi uma viagem calma e segura. Foram 7 horas e 21 minutos de viagem. Às 6:21 horas do dia 26 de Abril, aterrámos no Aeroporto de Lisboa.

No Aeroporto de Lisboa, os Responsáveis pela Província África aguardavam por nós. Logo identificados dirigiram-se à delegação de Angola e, após a tradicional saudação de boas vindas conduziram-nos à Casa das Irmãs Servas de Nossa Senhora de

Fátima em Lisboa, Buraca. Lugar bastante acolhedor e na companhia da simpatia das Irmãs fomos bem acolhidos, juntando-se mais tarde a Delegação de Moçambique. Aproveitamos agradecer o acolhimento e a simpatia das Irmãs sempre atentas às nossas solicitações e o pessoal que cuidava de nós.

Às 16:30 horas partimos de Lisboa em direcção a Fátima, localidade onde iria decorrer a Formação I.



Pouco antes das 18:30 horas chegámos ao local e hospedamos no Hotel “Avenida de Fátima”. Como é da praxe, fomos acomodados às 19:00 horas; às 20:30 horas o jantar; 22:00 horas – Apresentação dos casais e dos objectivos da Formação; às 23:00 horas – Oração da noite e dormir.

Sendo o primeiro dia de actividades, depois da oração da manhã seguiu-se a Reunião das Equipas com o objectivo único de fazer a apresentação dos casais da Equipa constituída no momento. A nossa equipa foi denominada “Equipa Vermelha”. Nesta Reunião foi eleito o Responsável, casal Margarida e Miguel Abreu.

Neste dia o tema central foi COMUNICAÇÃO COM DEUS - NÓS E DEUS exposto pelo Frei Bernardo e o testemunho do casal Maria e Paulo ao que se seguiu a reflexão na reunião da equipa.

No fim da tarde, em reunião plenária fez-se a partilha da reflexão em equipa. A Eucaristia foi às 19:00 horas se-

guida do jantar; 21:30 horas – Noite de Convívio; 23:30 horas – Oração da noite e cama.

O tema para este dia foi COMUNICAÇÃO NO CASAL ao que se seguiu o testemunho do casal Gui e Zé Gomes, sector de Vila Nova de Gaia, Douro Sul – Portugal.

COMUNICAÇÃO NA EQUIPA foi o tema central deste dia. O expositor foi o Frei Bernardo, seguindo-se o testemunho do casal Margarida e João Araújo.

O encerramento foi feito às 13:30 horas no meio de abraços e trocas de endereços despedia-mo-nos uns dos outros. Nesta euforia houve quem lagrimasse de emoção por ter que deixar a grande família.

Por volta das 15:00 horas partimos de Fátima em direcção a Lisboa juntamente com a Delegação da Madeira, tendo chegado às 18:00 horas.

Angola/Benguela, 6 de Maio de 2006.

PRÓXIMAS REUNIÕES DA SUPRA-REGIÃO (FÁTIMA)

- 27 a 29 Outubro 2006.
- 12 a 14 Janeiro 2007.
- 23 a 25 Março 2007.
- 6 a 8 Julho 2007.
- 21 a 23 Setembro 2007.